

A OPOSIÇÃO OPERÁRIA, 1920-1921

Alexandra Kollontai

AS RAÍZES DA OPOSIÇÃO OPERÁRIA

Antes de esclarecer as razões da crescente ruptura entre a Oposição Operária e o ponto de vista oficial dos nossos dirigentes, é necessário chamar a atenção para dois factos:

- 1) A Oposição Operária brotou do proletariado industrial da Rússia soviética. Não nasceu apenas das condições insuportáveis de vida e de trabalho em que se encontram 7 milhões de operários. Ela é também um produto das viragens, das incoerências e mesmo dos desvios que a nossa política soviética apresenta relativamente aos princípios de classe inicialmente expressos no programa comunista.
- 2) A Oposição não teve origem num centro determinado, não é produto de querelas ou antagonismos pessoais. Ao contrário, ela estende-se a toda a Rússia soviética e tem uma franca audiência.

Actualmente prevalece a opinião de que a controvérsia entre a Oposição Operária e as numerosas tendências que se verificam entre os dirigentes consiste exclusivamente em diferenças de opiniões quanto aos problemas que os sindicatos enfrentam. Porém, isto não é verdade. A ruptura é muito mais profunda. Os representantes da Oposição Operária nem sempre são capazes de a exprimir e definir claramente. Porque toca numa questão vital para a construção da nossa República, imediatamente surgem controvérsias sobre toda uma série de problemas essenciais, económicos e políticos. Pela primeira vez, os dois pontos de vista, tais como são expressos pelos dirigentes do nosso Partido e os representantes dos operários organizados, reflectui-se no 9º Congresso do nosso Partido, ao nele se discutir a questão da “direcção colectiva ou direcção individual na indústria”.

Na altura não havia oposição alguma por parte de um grupo organizado, mas é muito significativo que a direcção colectiva tenha sido defendida por todos os representantes sindicais, enquanto todos os dirigentes do Partido se opuseram a ela, habituados como estão a apreciar todos os problemas do ponto de vista institucional. Tais dirigentes devem ser suficientemente astutos e hábeis para agradar a grupos sociais tão heterogéneos e a aspirações políticas tão contraditórias como as do proletariado, dos pequenos proprietários, dos camponeses e da burguesia, representada por especialistas ou pseudo-especialistas de toda a espécie.

Por que razão foram então os sindicatos os únicos que defenderam com tenacidade o princípio da direcção colectiva, mesmo não sabendo apresentar argumentos científicos em seu favor? E por que razão, na mesma altura, os adeptos dos especialistas defenderam a “direcção de um só homem?”

A razão é que nesta controvérsia, embora ambas as partes negassem da maneira mais enfática que estivesse a ser posta uma questão de princípio, dois pontos de vista historicamente inconciliáveis se opunham. O princípio da “direcção de um só homem” é um produto da concepção individualista da classe burguesa. A “direcção de um só homem” corresponde, como princípio, à vontade livre, ilimitada e isolada de um só homem desligado da colectividade.

Esta concepção reflecte-se em todos os aspectos da actividade humana, começando

pela nomeação dum soberano à cabeça do Estado e acabando no director “todo-poderoso” da fábrica. Eis a suprema sabedoria do pensamento burguês. A burguesia não acredita no poder de um órgão colectivo. Para ela, as massas não são mais do que um rebanho fácil de chicotear e de encaminhar para onde ela quer.

A classe operária e os seus porta-vozes, pelo contrário, têm consciência de que as novas aspirações comunistas só podem ser realizadas pelo esforço colectivo dos próprios trabalhadores. Quanto mais as massas desenvolvem a capacidade de exprimir uma vontade colectiva e um pensamento comum, mais rápida e mais completa será a realização das aspirações da classe operária: porque então será criada uma nova indústria comunista, homogénea, unificada e bem preparada. Só os que estão ligados à produção podem introduzir nela inovações que a animem.

A recusa de um princípio – o princípio da direcção colectiva na indústria – foi um compromisso táctico na actividade do nosso Partido, um acto de adaptação; foi, além disso, um desvio da política de luta de classes que temos desenvolvido e defendido de maneira encarniçada, durante esta primeira fase da revolução.

Como foi possível que isso acontecesse? Como foi possível que o nosso Partido, amadurecido e temperado na luta revolucionária, se afastasse da linha recta para se lançar no caminho tortuoso dos compromissos, que outrora havia severamente condenado como “oportunismo”? A resposta a esta questão será dada mais adiante. Para já devemos perguntar como se formou e desenvolveu a Oposição Operária.

*

O 9º Congresso do Partido Comunista Russo desenrolou-se na Primavera. No Verão, a Oposição Operária não se tinha manifestado. O mesmo aconteceu durante os debates tempestuosos do 2º Congresso da Internacional Comunista. Mas, profundamente, a experiência e o pensamento crítico iam-se acumulando. Encontra-se uma primeira expressão deste processo, ainda incompleta, na conferência do Partido de Setembro de 1920. Durante certo tempo, trata-se apenas de críticas e de negociações. A Oposição não tinha formulado quaisquer proposições próprias. Mas era óbvio que o Partido entrava num novo período da sua vida. Nas suas fileiras, os elementos da base pediam liberdade de crítica, proclamavam alto e bom som que a burocracia os estrangulava, não lhes deixando liberdade de acção nem de manifestar a sua iniciativa. Os dirigentes do Partido tiveram consciência desta corrente subterrânea e o camarada Zinoviev fez várias promessas verbais sobre a liberdade de crítica, o alargamento do domínio da actividade autónoma das massas, a condenação dos dirigentes que se afastavam dos princípios da democracia, etc. Muito foi dito e bem dito; mas das palavras aos actos há uma distância considerável. Nem a Conferência de Setembro, nem as inúmeras promessas do discurso de Zinoviev mudaram o quer que fosse no Partido ou na vida das massas. As raízes donde brotou a Oposição não estão destruídas. A base estava agitada por uma insatisfação inarticulada, um espírito de crítica e de independência.

Esta fermentação desordenada foi notada pelos próprios dirigentes do Partido, entre os quais provocou – de uma maneira completamente inesperada – discussões muito vivas. É significativo, mas no fundo natural, que estas controvérsias se tenham levantado relativamente ao papel que devem desempenhar os sindicatos.

Actualmente, este motivo de controvérsia entre a Oposição Operária e os dirigentes do

Partido representa o problema essencial da nossa política interna.

Muito antes da Oposição Operária ter aparecido com as suas teses e ter formulado as bases segundo as quais, na sua opinião, a ditadura do proletariado se deve apoiar na esfera da reconstrução industrial, os dirigentes do Partido encontravam-se já em viva polémica entre eles quanto ao papel a desempenhar pelas organizações da classe operária na reconstrução da indústria numa base comunista. O Comité Central do Partido estava dividido em vários grupos. O camarada Lenine opunha-se a Trotsky, enquanto Bukarine tomava uma posição intermédia.

Só no 8º Congresso [Pan-Russo dos Sovietes, 1920] e imediatamente a seguir se torna óbvio que um grupo se formara, no interior do próprio Partido, unido por teses e princípios comuns relativamente à questão dos sindicatos. Este grupo, a Oposição, não tinha grandes teóricos e, apesar da resistência decidida dos chefes mais populares do Partido, crescia rapidamente e estendia-se a toda a massa trabalhadora da Rússia. Não se tratava, de maneira alguma, apenas de Leninegrado e de Moscovo. Até da bacia mineira do Donetz, das montanhas do Ural, da Sibéria, de inúmeros outros centros industriais chegavam relatórios ao Comité Central indicando que a Oposição Operária se formava e agia. É certo que a Oposição não estava, toda ela, de acordo com os operários de Moscovo. Por vezes as fórmulas, os motivos e as reivindicações da Oposição Operária eram bastante vagos, mesquinhos e até absurdos; por vezes existiam mesmo diferenças em pontos essenciais. Contudo, uma mesma questão se põe por todo o lado: quem desenvolverá as potencialidades criadoras que poderão servir à reconstrução da economia? Serão os órgãos de classe unidos à indústria por laços vitais – isto é, os sindicatos de indústria – ou o aparelho dos Sovietes, que está separado da actividade industrial e cuja composição social é heterogénea? Eis a raiz da divergência. A Oposição Operária defende o primeiro princípio; os dirigentes do Partido, quaisquer que sejam as suas divergências sobre os pontos secundários, estão completamente de acordo sobre o essencial e defendem o segundo princípio.

O que significa tudo isto?

Significa que o nosso Partido atravessa a primeira crise séria do período revolucionário. Não se poderá rejeitar imediatamente a existência da Oposição chamando-lhe simplesmente “sindicalista”. Todos os camaradas devem considerar o problema com a maior seriedade. Quem tem razão: os dirigentes ou as massas operárias e o seu são instinto de classe?

*

Antes de considerar os pontos básicos da controvérsia entre os dirigentes do Partido e a Oposição Operária é necessário procurar uma resposta para a seguinte pergunta: como foi possível que o nosso Partido, outrora poderoso, forte e invencível, devido à sua clarividente e firme política de classe, tenha começado a desviar-se do seu programa?

Quanto mais caro nos é o Partido Comunista, precisamente porque ele realizou um passo decisivo para libertar os trabalhadores do jugo do capital, tanto menos direito temos de fechar os olhos sobre os erros dos núcleos dirigentes.

O poder do Partido deve residir na capacidade dos nossos órgãos dirigentes para detectar os problemas e as tarefas com que se enfrentam os operários e para escolher

a tendência que permita às massas conquistarem um estado histórico mais avançado. Assim fazia o Partido no passado; o mesmo não acontece hoje. O nosso Partido não só está em perda de velocidade, como frequentemente olha para trás “prudentemente” e pergunta: “Não teremos nós ido demasiado longe? Não seria mais razoável ser prudente, evitando-se experiências jamais vistas na história?”.

Quais as razões desta “razoável prudência” (expressa em particular na desconfiança dos órgãos dirigentes do partido relativamente às capacidades de gestão económica e industrial dos sindicatos) que ultimamente submergiu todos os órgãos? Qual é a sua causa?

Se nos esforçarmos por compreender por que razão tal controvérsia se desenvolveu no nosso Partido, torna-se-nos claro que são três as causas fundamentais da crise que o Partido atravessa.

A primeira, principal e fundamental, é o meio ambiente devastado no qual o nosso partido tem de trabalhar e agir.

O Partido Comunista russo tem de construir o comunismo e realizar o seu programa:

1. Em condições de destruição completa e de descalabro da estrutura económica.
2. Face à pressão brutal e incessante dos estados imperialistas e dos Guardas Brancos.
3. Quando à classe operária russa foi atribuída a tarefa de construir o comunismo, criar novas formas comunistas de economia num país economicamente atrasado, com uma população de maioria camponesa, onde faltam as condições necessárias para a socialização da produção e da distribuição, e onde o capitalismo ainda não foi capaz de levar a cabo o ciclo do seu desenvolvimento (do primeiro estágio de luta da livre concorrência à sua forma mais avançada – a regulação da produção pelos sindicatos capitalistas e os *trusts*).

É perfeitamente natural que todos estes factores impeçam a realização do novo programa (especialmente no seu ponto essencial: a reconstrução das indústrias numa nova base) e introduzam na nossa política económica influências diversas e falta de uniformidade.

Da primeira razão resultam duas outras. Antes de mais, o atraso económico da Rússia e a predominância do campesinato criam esta diversidade e levam inevitavelmente ao desvio da política efectiva do nosso Partidos de uma orientação de classe coerente com a sua teoria e os seus princípios.

Qualquer que seja o partido colocado à cabeça de um Estado soviético heterogéneo, ele é obrigado a ter em conta as aspirações dos camponeses, as suas tendências pequeno-burguesas e hostilidade ao comunismo; é obrigado a também ouvir os inúmeros elementos pequeno-burgueses, restos do antigo capitalismo russo e toda a espécie de comerciantes, intermediários, pequenos funcionários, etc. Estas categorias adaptaram-se rapidamente às instituições soviéticas e ocuparam lugares de responsabilidade nas organizações, aparecendo na qualidade de agentes de diversos comissariados, etc. Não admira que Tsiurupa, Comissário do Povo para o Abastecimento, tenha notado durante o 8º Congresso que no seu comissariado havia 17% de operários, 13% de camponeses, menos de 20% de especialistas, sendo o restante, mais de metade, composto por comerciantes, caixeiros-viajantes, e gente desse género, na sua maioria até “analfabetos” (segundo as próprias palavras de

Tsiurupa). No espírito de Tsiurup, isso é uma prova de que os comissariados se constituíam democraticamente, embora não tivessem nada em comum com as classes proletárias, com os produtores de toda a riqueza, com os trabalhadores das fábricas. Eis os elementos – os elementos da pequena-burguesia, largamente espalhados pelas instituições soviéticas, os elementos da classe média com a sua hostilidade ao comunismo, a sua predilecção pelos costumes imutáveis do passado, o seu ódio, o seu medo dos actos revolucionários – que introduzem a degenerescência nas instituições soviéticas e criam nelas uma atmosfera *extremamente repugnante para a classe operária*. São dois mundos diferentes e hostis. E, todavia, na Rússia soviética, somos obrigados a persuadir a classe operária, e a persuadir-nos, de que a pequena burguesia e as classes médias (sem falar nos camponeses abastados) podem coexistir facilmente sob a mesma palavra de ordem: “Todo o poder aos soviets”. Esquecendo assim que, na prática quotidiana, os interesses dos operários e os das classes médias e do campesinato, imbuídos da mentalidade pequeno-burguesa, colidem inevitavelmente, tornando incoerente a política soviética e deformando os seus claros princípios de classe.

Além dos pequenos proprietários rurais e dos elementos burgueses urbanos, a política do nosso Partido tem que contar com a influência exercida pelos representantes da burguesia rica que fazem agora a sua aparição na pessoa de especialistas, técnicos, engenheiros e antigos directores de empresas industriais e financeiras, ligados pela sua experiência passada ao sistema capitalista de produção. Aliás, eles não podem imaginar outro sistema de produção senão o que se situe dentro dos *limites tradicionais da economia capitalista*.

*

Quanto mais a Rússia Soviética se encontra na necessidade de procurar especialistas, no campo da técnica e da gestão da produção, tanto mais forte se torna a influência destes elementos estranhos à classe operária no desenvolvimento da nossa economia. Tendo sido postos de lado durante o primeiro período da revolução e tendo sido então obrigados a tomar uma atitude de expectativa ou, por vezes mesmo, de aberta hostilidade às autoridades soviéticas, em especial durante os meses mais difíceis (a sabotagem histórica dos intelectuais), este grupo social de cérebros utilizados pela produção capitalista, servos obedientes, alugados, bem pagos pelo capital, adquire uma influência e uma importância crescentes na política.

São precisos nomes? Todos os camaradas operários que seguem atentamente a nossa política interna e externa se lembrarão certamente de mais de um destes nomes.

Enquanto o centro da nossa vida residia nas frentes de guerra, a influência destes cavalheiros que dirigem a nossa política soviética, sobretudo no domínio da reconstrução industrial, era relativamente negligenciável.

Os especialistas, vestígios do passado, por sua natureza íntima e inalteravelmente ligados ao sistema burguês que queremos destruir, começaram pouco a pouco a penetrar no nosso Exército Vermelho, introduzindo a atmosfera do passado (subordinação cega, obediência servil, condecorações, postos hierárquicos, substituição da disciplina de classe pela vontade arbitrária do superior, etc.), mas a sua influência não se estendia ainda à actividade política geral da República soviética.

O proletariado não punha em causa a sua superior capacidade nos assuntos estritamente militares, compreendendo perfeitamente, por um sã instinto de classe, que, no domínio militar, a classe operária, enquanto classe, não pode exprimir ideias novas e é incapaz de introduzir alterações substanciais no sistema militar capazes de o reconstruir sobre uma nova base de classe. O profissionalismo militar – herança dos séculos passados – o militarismo, as guerras, não terão lugar na sociedade comunista. A luta seguirá outras vias, tomará formas nitidamente diferentes, inconcebíveis para a nossa imaginação. O militarismo vive os seus últimos dias durante a fase transitória de ditadura do proletariado; não é portanto de estranhar que os operários enquanto classe não tenham podido introduzir nele nada de novo para o desenvolvimento futuro da sociedade. Todavia, mesmo no Exército Vermelho, a classe operária trouxe modificações; mas a natureza do militarismo manteve-se e a direcção dos assuntos militares por antigos oficiais e generais do velho exército não fez desviar a política soviética no domínio militar a ponto de os trabalhadores poderem sofrer prejuízos, eles próprios ou os seus interesses de classe.

Porém no domínio económico as coisas são totalmente diferentes. A produção, a sua organização, constituem o essencial do comunismo. Excluir os trabalhadores da organização da produção, privá-los (a eles ou às suas organizações) da possibilidade de criar novas formas de produção na indústria através dos seus sindicatos, recusar estas expressões da organização de classe do proletariado, ao mesmo tempo que se põe toda a confiança na aptidão de especialistas formados e ensinados a gerir a produção sob um sistema de produção diferente, é sair dos carris do pensamento do marxismo científico. É isto exactamente, porém, o que estão fazendo hoje os dirigentes do nosso Partido. Tomando em linha de conta o descalabro total das nossas indústrias, e ainda apegados ao modo de produção capitalista (remuneração do trabalho em dinheiro, diferenças de salário de acordo com o trabalho feito), os dirigentes do nosso Partido, cheios de desconfiança nas capacidades criadoras das colectividades operárias, procuravam a salvação para este caos industrial. Onde? Nas mãos dos discípulos de antigos homens de negócios, técnicos e burgueses capitalistas cujas capacidades criadoras na esfera da produção estão sujeitas à rotina, aos hábitos e aos métodos do sistema industrial e económico capitalista. São eles que introduzem a crença, ridiculamente ingénua, de que é possível chegar ao comunismo por meios burocráticos. São eles que “decretam” onde é hoje necessário criar e desenvolver a investigação.

À medida que a frente militar vai perdendo importância relativamente à frente económica, mais agudas se tornam as nossas necessidades e mais pronunciada se torna a influência deste grupo, que não só é intrinsecamente estranho ao comunismo como, além disso, absolutamente incapaz de desenvolver as capacidades necessárias para a introdução de novas formas de organização do trabalho, *novas motivações para aumentar a produção e novas formas de encarar a produção e a distribuição*. Todos estes técnicos e homens práticos e experimentados nos negócios, que estão actualmente a surgir à superfície da vida soviética, são forças de pressão sobre os dirigentes do nosso Partido, no interior das instituições soviéticas, devido à influência que exercem sobre a política económica.

*

O Partido encontra-se, assim, em situação difícil e embaraçosa relativamente ao controle sobre o estado soviético. É obrigado a dar ouvidos e a adaptar-se aos três grupos economicamente hostis da população, cada um com a sua diferente estrutura social.

Os trabalhadores reclamam uma política clara e sem compromissos, um avanço rápido, uma marcha forçada na direção do comunismo; os camponeses, dadas as suas tendências e simpatias pequeno-burguesas, pedem as mais variadas espécies de “liberdades”, incluindo a liberdade de comércio e a de não ingerência nos seus negócios. Estes últimos, nos seus pedidos, são acompanhados pela classe burguesa, na pessoa de funcionários soviéticos, comissários do exército, etc., que se adaptaram já ao regime soviético e empurram a nossa política para linhas pequeno-burguesas. Na capital, a influência destes elementos pequeno-burgueses é negligenciável, mas na província e nos soviets locais ela é importante e nociva. Finalmente, há um outro grupo de homens: o dos antigos gerentes e directores das indústrias capitalistas.

Estes não são os magnates do capital – como Riabushinsky ou Rublikoff, dos quais a República soviética se desembarçou durante a primeira fase da revolução – mas os servidores mais talentosos do sistema capitalista de produção, o “cérebro e o génio” do capitalismo, os seus verdadeiros criadores e promotores. Apoiando calorosamente as tendências centralistas do governo soviético no domínio económico, compreendendo bem os benefícios da monopolização e regulamentação da economia (o que diga-se de passagem, está em vias de ser feito pelo capital em todos os países industriais avançados) esforçam-se por obter uma coisa apenas: que esta regulação seja feita, não pelas organizações operárias (os sindicatos da indústria), mas por eles próprios, actuando a coberto das instituições económicas soviéticas: comités industriais centrais, órgãos industriais do Conselho Superior da Economia Nacional, onde já estão fortemente enraizados. A influência destes cavalheiros sobre a “sóbria” política dos nossos dirigentes é grande, bem maior do que seria de desejar. Esta influência reflecte-se na política que defende e cultiva a burocracia (não para a mudar inteiramente mas somente para a melhorar). Esta política é particularmente evidente na esfera do nosso comércio externo com os estados capitalistas, que começa agora a despertar: *as relações comerciais são estabelecidas por cima da cabeça dos operários organizados, tanto dos operários russos como dos operários dos outros países*. Ela exprime-se, também, através de toda uma série de medidas que visam a redução da actividade autónoma das massas e dar a iniciativa aos seus émulos do mundo capitalista.

Entre estas diversas camadas da população, o nosso Partido, tentando encontrar um meio-termo, é obrigado a tomar uma orientação que não comprometa a unidade dos interesses do Estado. A clara política do Partido de se identificar com as instituições do Estado soviético transforma-se pouco a pouco na política de uma classe superior, que não é mais, na sua essência, que uma adaptação dos nossos centros dirigentes aos interesses divergentes e inconciliáveis de uma população socialmente heterogénea. Esta adaptação conduz a inevitáveis vacilações, flutuações, desvios e erros. Basta mencionar o caminho em zig-zag da nossa política em relação aos camponeses: passou-se do “apoio ao agricultor pobre” ao apoio aos “proprietários laboriosos”. Admitamos que esta política seja uma prova do “realismo” e da “sabedoria de estadistas” dos nossos centros dirigentes. Mas o historiador do futuro, analisando sem

preconceitos as etapas do nosso poder, descobrirá que tal política consistiu num perigoso desvio da linha de classe a favor da “adaptação”, desvio cheio de perspectivas e de resultados nocivos.

Examinemos ainda a questão do comércio externo. Existe na nossa política uma duplicidade evidente, comprovada pela fricção permanente entre o Commissariado do Comércio Externo e o Commissariado dos Negócios Estrangeiros. Esta fricção não é somente de natureza administrativa. A sua causa é mais profunda. E se o trabalho secreto dos centros dirigentes fosse exposto aos elementos da base, quem sabe onde conduziria a controvérsia entre o Commissariado dos Negócios Estrangeiros e os nossos representantes comerciais no estrangeiro? Esta fricção, administrativa na aparência, constitui de facto um sério e profundo problema social, ignorado pela base do Partido, e torna absolutamente necessária a adaptação da política soviética às três camadas heterogêneas da população (operários, camponeses e antiga burguesia). *Este problema constitui um outro motivo de crise no nosso Partido.* Não podemos ignorar a sua causa. Ela é demasiado sintomática, demasiado prenhe de consequências futuras. É portanto dever do Partido, para salvar a sua unidade e actividade futura, reflectir sobre as causas da insatisfação geral que tal problema provoca nos militantes de base.

*

Enquanto a classe operária, durante a primeira fase da revolução, sentia que levava em si própria o comunismo, existiu sempre uma unanimidade perfeita no Partido. Nos dias imediatos à Revolução de Outubro ninguém imaginava que existisse gente “do topo” e gente “da base”, pois os operários mais avançados estavam febrilmente empenhados na realização, ponto por ponto, do nosso programa comunista de classe. O camponês que tinha recebido a terra não se afirmava então como cidadão de pleno direito da República Soviética. Os intelectuais, os especialistas, os homens de negócios em ascensão (toda a pequena burguesia e os pseudo-especialistas agora instalados na sociedade soviética, disfarçados de “especialistas”) mantinham-se à parte, numa expectativa vigilante, deixando às massas operárias avançadas toda a liberdade para desenvolverem todas as suas capacidades criadoras.

Hoje passa-se justamente o contrário. O operário sente, vê e compreende a cada instante, que os especialistas e os pseudo-especialistas ignorantes (o que é mais grave) o põem à margem, ocupando todos os altos postos administrativos das instituições industriais e económicas. E, em lugar de travar esta tendência proveniente de elementos completamente estranhos à classe operária e ao consumismo, o Partido encoraja-a e procura sair do caos industrial apoiando-se não nos operários, mas precisamente nesses elementos. O Partido não deposita a sua confiança nos operários e nas suas organizações sindicais, mas nesses indivíduos. As massas operárias sentem-no e, em lugar da unidade e unanimidade dentro do Partido, surge a ruptura.

As massas não são cegas. Quaisquer que sejam as palavras que os chefes mais populares utilizem para esconder o seu desvio de uma clara política de classe, os compromissos estabelecidos com os camponeses e o mundo capitalista e a confiança com que os chefes gratificam os discípulos do sistema de produção capitalista, fazem com que as massas operárias sintam onde começa o desvio.

Os operários podem alimentar um ardente afecto e amor por uma personalidade como a de Lenine. Podem ser fascinados pela incomparável eloquência de Trotsky e

pelas suas capacidades de organização. Podem respeitar um certo número de dirigentes, enquanto dirigentes. Mas quando sentem que já não há confiança neles, é natural que digam: “Não, alto! Recusamo-nos a seguir-vos cegamente. Examinemos a situação. A vossa política, que escolhe o caminho intermédio entre três grupos sociais opostos, é na verdade hábil, mas não esconde a adaptação e o oportunismo que já bem conhecemos. Hoje podemos, talvez, ganhar qualquer coisa com a vossa política “realista”, mas tomemos atenção para não nos encontrarmos afinal num caminho errado, cujas curvas e zig-zags nos reconduzirão no futuro às ruínas do passado”. A desconfiança dos dirigentes em relação aos operários tem vindo a aumentar constantemente. E quanto mais “realistas” se tornam os chefes, tanto mais se transformam em eminentes homens de estado, deslizando sobre a afiada lâmina da navalha que separa o comunismo do compromisso com o passado burguês. E quanto mais se aprofunda o fosso entre “os de cima” e “os de baixo”, menos compreensão existe e mais penosa e inevitável se torna a crise no interior do próprio Partido.

*

A terceira razão da crise do Partido está, de facto, em que durante estes três anos de revolução a situação económica da classe operária, daqueles que trabalham nas fábricas, não só não melhorou como ainda se tornou mais intolerável. Isto, ninguém ousa negar. A insatisfação reprimida, mas espalhada entre os operários (*operários*, entenda-se bem), é realmente justificada.

Só os camponeses ganharam directamente com a revolução. Na medida em que iam sendo atingidas, as classes médias adaptaram-se muito inteligentemente às novas condições, assim como os representantes da alta burguesia, e ocuparam todos os postos dirigentes e de responsabilidade dentro das instituições soviéticas (sobretudo no domínio da direcção da economia do Estado, nas organizações industriais e no restabelecimento das relações comerciais com o estrangeiro). Só a classe fundamental da República soviética, que suportou enquanto massa todos os fardos da ditadura, sofre uma existência escandalosamente lastimável.

A República dos operários, controlada pelos comunistas, pela vanguarda da classe operária – que, para citar as palavras de Lenine, “absorveu toda a energia revolucionária da classe” – não teve tempo suficiente para reflectir sobre a condição de todos os operários e melhorá-la; não se trata da condição dos operários das indústrias ditas “de choque”, que retiveram a atenção do Conselho dos Comissários do Povo, mas da de todos os operários, para elevar a um nível humano as suas condições de vida.

O Comissariado do Trabalho é, de todos os comissariados, o mais fossilizado. Em toda a política soviética há uma questão que nunca foi levantada e discutida seriamente à escala nacional: face ao descalabro completo da indústria e a uma situação interior muito desfavorável, que se deverá e poderá fazer para melhorar a condição dos operários, para preservar a sua saúde com vista ao trabalho produtivo ulterior e melhorar a sua sorte na fábrica.

Até há pouco tempo, a política soviética não tinha ainda elaborado qualquer espécie de plano para melhorar a sorte dos operários e as suas condições de vida. Tudo o que foi feito neste campo, foi-o acidentalmente, por acaso, pelas autoridades locais e sob a pressão das próprias massas. Durante os três anos de guerra civil o proletariado

depositou heroicamente inúmeros sacrifícios no altar da revolução. Esperou pacientemente. Mas agora, o centro da vida da República volta a ser a frente económica, e o operário da base considera desnecessário “sofrer e esperar”. Porquê? Não é ele o criador da vida numa base comunista? Deixem-nos tomar conta, nós próprios, da reconstrução, porque sabemos melhor que esses cavalheiros onde é que mais nos dói.

O operário observa. Vê que até agora os problemas de higiene, de saúde, de melhoramento das condições de trabalho na fábrica – por outras palavras, a melhoria do destino dos operários – têm ocupado o último lugar na nossa política. A nossa solução para o problema da habitação não foi mais longe do que alojar as famílias operárias em casas burguesas mal adaptadas. E, pior, ainda nem começámos a equacionar o problema concreto do alojamento dos operários. Para nossa vergonha, no coração da República, na própria cidade de Moscovo, a população operária vive ainda em bairros sujos, superpovoados e sem higiene; ao visitá-los, é-se levado a pensar que não houve revolução de qualquer espécie. Todos nós sabemos que o problema da habitação não pode ser resolvido em poucos meses, nem mesmo em poucos anos; que, dada a nossa penúria, a sua solução encontra numerosas dificuldades. Mas a desigualdade crescente entre os grupos privilegiados da população da Rússia Soviética e os operários da base, o “esqueleto da ditadura”, mantém e alimenta o descontentamento.

O operário vê como os funcionários soviéticos e os “arrivistas” vivem e vê como ele próprio vive – ele, em quem se baseia a ditadura do proletariado. O que ele vê é que durante a Revolução a vida e a saúde dos operários nas fábricas não despertavam a mínima atenção; onde antes da Revolução as condições eram mais ou menos toleráveis, a situação é mantida pelos conselhos de oficina; mas onde elas não existiam, onde a humidade, o ar viciado e os gases envenenavam e destruíam a saúde dos operários, essas condições mantêm-se imutáveis. “Nós não nos podíamos preocupar com isso; desculpem-nos, mas havia a frente militar”. E apesar disso, quando se tratava de fazer reparações nos edifícios ocupados pelas instituições soviéticas, encontravam-se os materiais e a mão-de-obra necessários. Que aconteceria se nos metêssemos a alojar os nossos especialistas e “técnicos” das relações comerciais com o estrangeiro nessas barracas onde ainda vivem e trabalham as massas operárias? Dariam tais gritos que seria necessário mobilizar o departamento da habitação para melhorar as “condições caóticas” que entravavam a produtividade dos nossos especialistas.

*

O serviço prestado pela Oposição Operária consiste no facto de ter incluído o problema do melhoramento das condições de vida dos operários (e outras reivindicações operárias secundárias) na política económica geral. A produtividade do trabalho não pode ser aumentada sem que a vida dos operários seja organizada numa nova base comunista.

Quanto menos se trata deste assunto, tanto mais a incompreensão, o afastamento e a desconfiança mútua entre dirigentes e operários se tornam profundos. Não existe unidade, nem identificação das suas necessidades, reivindicações e aspirações. “Os dirigentes são uma coisa e nós outra, completamente diferente. É possível que eles

saibam dirigir melhor o país, mas falham na compreensão das nossas necessidades, da nossa vida nas fábricas com as suas exigências e necessidades imediatas; não compreendem e não sabem”. A este raciocínio segue-se o movimento instintivo em direcção aos sindicatos e o conseqüente abandono do Partido. “É verdade que os dirigentes saem de nós, mas logo que entram nas direcções abandonam-nos; se nós sofremos, que lhes importa isso? As nossas preocupações já não são as deles”. Quanto mais o Partido priva os nossos sindicatos e as nossas organizações de fábrica dos seus melhores elementos, enviando-os para a frente ou chamando-os às instituições soviéticas, mais fraca fica ligação entre os operários da base e os centros dirigentes. Cava-se um fosso. Precisamente, esta divisão manifesta-se até nas fileiras do próprio Partido. Os trabalhadores, através da sua Oposição Operária, perguntam: “Quem somos nós? Seremos verdadeiramente o ferro e a lança da ditadura de classe? Ou seremos apenas um rebanho obediente que serve de suporte àqueles que, tendo cortado todos os laços com as massas, executam a sua própria política e constroem a indústria a coberto do nome do Partido, sem qualquer preocupação pelas nossas opiniões e capacidades criadoras?”

*

Quaisquer que sejam as medidas tomadas pelos dirigentes do Partido para repelir a Oposição Operária, ela permanecerá sempre naquela saudável força de classe destinada a injectar uma energia revitalizadora na reconstrução da vida económica e no Partido, que começa a perder as suas características e a definhar. Vimos que são três as causas que provocam a crise no seio do nosso Partido. **Primeiro que tudo, as condições objectivas dominantes sob as quais é aplicado e se realiza o comunismo na Rússia** (a guerra civil, o atraso económico do país, o seu completo descalabro industrial, motivado pelos longos anos de guerra). **A segunda causa é a composição heterogénea da nossa população** (7 milhões de operários, os agricultores, a classe média e, por último, a antiga burguesia, homens de negócios de todas as profissões que influenciam a política das instituições soviéticas e se introduzem no Partido). **A terceira causa é a inércia do Partido no campo das melhorias imediatas da vida dos operários**, aliada à fraqueza e à incapacidade das instituições soviéticas correspondentes para tratar e resolver estes problemas.

O que pretende a Oposição Operária? Qual a sua utilidade?

A sua utilidade consiste em mostrar ao Partido todos os assuntos perturbadores e dar forma à agitação difusa das massas, que cada vez mais afasta do Partido os operários não militantes. Proclama claramente e sem medo aos dirigentes: “Alto: olhai e reflecti! Onde é que nos conduzis? Não nos estaremos a desviar do caminho correcto? Será muito grave para o Partido separar-se daqueles que constituem o fundamento da ditadura, ficando o Partido de um lado e a classe operária do outro. Eis o maior perigo que a revolução corre”.

A tarefa do Partido nesta crise é enfrentar sem medo os seus próprios erros e escutar o apelo de classe das massas operárias. Graças ao poder criador da classe ascendente, incarnado pelos sindicatos da indústria, avançaremos direitos à reconstrução e ao desenvolvimento das forças criadoras do país, no sentido da depuração do Partido dos

elementos estranhos à classe, no sentido da correcção da actividade do Partido pelo retorno à democracia, à liberdade de opinião e de crítica dentro do Partido.

OS SINDICATOS: SUA FUNÇÃO E OS SEUS PROBLEMAS

Já expusemos, ainda que brevemente, as causas da crise que reina no interior do nosso Partido. Vamos agora esclarecer os pontos mais importantes da controvérsia que se estabelece entre os dirigentes do Partido e a Oposição Operária.

Existem dois pontos principais. Primeiramente, a função e os problemas dos sindicatos durante o período de reconstrução da economia nacional, em ligação com a organização da produção numa base comunista. Em segundo lugar, a questão da acção autónoma das massas, questão ligada à burocracia no Partido e aos Sovietes.

Respondamos à primeira das questões, na medida em que a segunda resposta é consequência desta.

O período de “redacção de teses” no Partido está terminado. Temos à nossa frente seis plataformas diferentes, seis tendências do Partido. Nunca o Partido conheceu uma tal diversidade de tendências, uma tão subtil variedade de opções entre tendências. Nunca o pensamento do Partido foi tão rico em fórmulas respeitantes a uma só questão. É portanto óbvio que esta questão é fundamental. E é-o de facto. Toda a controvérsia se reduz a uma só questão de base: quem construirá a economia comunista e como deverá ela ser construída? Esta questão define a essência do nosso programa: o seu âmago. É tão importante como a questão da conquista do poder político pelo proletariado. Só o grupo de Boubnov, o chamado Centralismo Democrático, é suficientemente míope para subestimar a sua importância e declarar: “a questão sindical não tem actualmente importância e não apresenta qualquer dificuldade teórica”.

É pois natural que esta questão agite seriamente o Partido. A questão reside essencialmente no seguinte: em que direcção vamos fazer girar a roda da história? Rodá-la-emos para a frente ou para a rearguarda? É evidente que não pode existir um só comunista no Partido que possa ficar neutro na discussão deste problema. O resultado disso é que temos seis tendências diferentes.

Se começarmos, no entanto, a analisar pormenorizadamente as teses destes grupos tão subtilmente diferenciáveis, verificaremos que sobre a questão fundamental – quem construirá a economia comunista e quem organizará a produção numa nova base? – não existem senão dois pontos de vista.

Um, o que é expresso e formulado na declaração de princípios da Oposição Operária. O outro, é o ponto de vista que une todos os demais grupos, que diferem entre si nos pormenores, mas são idênticos no fundo.

O que é que a plataforma da Oposição Operária defende e qual a função que atribui aos sindicatos ou, mais exactamente, aos sindicatos industriais, no momento presente? “Pensamos que a questão da reconstrução e do desenvolvimento das forças produtivas do país só poderá ser resolvido através duma modificação completa do sistema de controlo da economia” (do relatório de Chliapnikov, Dezembro de 1920).

Notem bem, camaradas, uma modificação completa do sistema de controlo. Que significa isto? “A base da controvérsia – prossegue o relatório – gira em torno da questão seguinte: por que meios pode o Partido realizar a sua política económica neste período de transformação? Por intermédio dos operários organizados nos seus

sindicatos? Ou por cima das suas cabeças, utilizando os meios burocráticos, através de funcionários canonizados do Estado”? A base da controvérsia é portanto esta: realizaremos nós o comunismo com os operários ou, por cima das suas cabeças, com os funcionários dos soviets?

Raciocinemos, camaradas, e vejamos se é possível construir uma economia comunista utilizando os meios e as capacidades criadoras dos filhos de outra classe, impregnados da rotina do passado. Se raciocinarmos como marxistas, como homens de ciência, responderemos categórica e explicitamente: “Não!”

*

A raiz da controvérsia e a causa da crise encontra-se na suposição de que os “homens realistas”, técnicos, especialistas e organizadores da produção capitalista, podem libertar-se repentinamente das suas concepções tradicionais sobre a maneira de gerir o trabalho (concepções neles profundamente impregnadas pelos anos passados ao serviço do capital) e adquirir a capacidade de criar novas formas de produção, de organização do trabalho e de motivação dos trabalhadores. Supor que isto é possível, é esquecer que um sistema de produção não pode ser mudado por alguns indivíduos geniais, mas somente pelas necessidades duma classe.

Imaginemos, por um momento, que durante o período de transição do sistema feudal (fundado no trabalho dos servos) para o sistema capitalista de produção (com o aluguer, dito livre, do trabalho), a classe burguesa, faltando-lhe então a necessária experiência da organização da produção capitalista, convidava os dirigentes hábeis, inteligentes e experimentados das propriedades feudais, habituados a trabalhar com servos, e lhes confiava o encargo de organizar a produção numa nova base capitalista. Que teria acontecido? Teriam estes especialistas, habituados ao uso do chicote para aumentar a produtividade, conseguido dirigir um “proletário livre”, se bem que esfomeado, que se tinha libertado do jugo do trabalho forçado para se tornar num soldado ou num trabalhador à jorna? Não teriam esses especialistas destruído completamente a produção capitalista nascente? Individualmente, os cães-de-fila dos escravos acorrentados, os antigos proprietários de terras e os seus administradores, foram capazes de se adaptar às novas formas de produção. Mas não foi nas suas fileiras que se recrutaram os verdadeiros criadores e construtores da economia capitalista burguesa.

O instinto de classe segredava aos primeiros proprietários de explorações capitalistas que mais valia caminhar com prudência e bom senso, na falta de uma experiência que só viria mais tarde, procurando estabelecer relações entre o capital e o trabalho, que utilizar os antigos e inúteis métodos de exploração do trabalho do velho e ultrapassado sistema.

Um correcto instinto de classe ensinou aos primeiros capitalistas que em vez do chicote e do cão-de-fila deviam usar um outro incentivo – a rivalidade, a ambição pessoal dos operários face ao desemprego e à miséria. Tendo compreendido o efeito deste novo estimulante do trabalho, os capitalistas foram suficientemente inteligentes para se servir dele a fim de promover o desenvolvimento das formas burguesas capitalistas de produção pelo aumento da produtividade do trabalho “livremente” alugado, até a um nível muito elevado.

Há cinco séculos atrás, a burguesia agia de maneira cautelosa, escutando atentamente

os seus instintos de classe. Apoiava-se mais no bom senso do que na experiência dos experimentados especialistas da organização feudal da produção. A burguesia tinha perfeitamente razão, como a história no-lo mostrou.

Nós possuímos uma grande arma que pode ajudar-nos a encontrar o caminho mais curto para a vitória da classe operária, para lhe diminuir os sofrimentos ao longo desse caminho e levar-nos mais rapidamente a um novo sistema de produção, o comunismo. Esta arma é a concepção materialista da história. Ora, em vez de nos servirmos dela, alargando a nossa experiência, corrigindo as nossas investigações em conformidade com a história, temos estado prontos para rejeitar essa arma e seguir pela estrada atravancada e aleatória de uma experimentação cega.

Qualquer que seja a nossa miséria económica, não temos o direito de ir tão longe no desespero. Só os governos capitalistas, que se encontram encostados à parede, podem sentir desespero; depois de terem esgotado as possibilidades criadoras da produção capitalista, não encontram mais soluções para os seus problemas.

No que respeita à Rússia operária, não há razão para desespero. A Revolução de Outubro abriu uma perspetiva nova, desconhecida, de criação económica, de desenvolvimento de formas de produção novas, com um aumento enorme da produtividade do trabalho. Não só é preciso não ficar agarrado ao passado, como, pelo contrário, é necessário dar completa liberdade aos poderes criadores do futuro.

É este o programa da Oposição Operária. Quem poderá construir e criar a economia comunista? A classe – e não os génios individuais do passado – porque é ela que está ligada organicamente às novas formas de produção, mais eficazes e mais perfeitas, que vão agora nascendo com dificuldade. Que órgão pode formular e resolver os problemas da organização da nova economia e da produção? Os sindicatos industriais puramente operários, ou as *heterogéneas instituições económicas soviéticas*? A Oposição Operária considera que só as colectividades operárias o podem fazer e não as colectividades de funcionários, burocráticas, socialmente heterogéneas, com uma forte mistura de antigos elementos capitalistas, cujo espírito está impregnado pela velha rotina.

“Os sindicatos devem passar da actual posição de resistência passiva às instituições económicas, para participação activa na direcção de toda a estrutura económica do país” (*Teses da Oposição Operária*). Procurar, encontrar e criar novas e mais aperfeiçoadas formas económicas, encontrar novos incentivos para a produtividade do trabalho – tudo isso só pode ser conseguido pelas colectividades operárias, estreitamente ligadas às novas formas de produção. Só estas colectividades, pela sua experiência quotidiana, são capazes de chegar a algumas conclusões sobre a forma de gerir o trabalho num Estado operário onde a miséria, a pobreza, o desemprego e a competição no mercado da mão-de-obra deixam de ser os incentivos do trabalho. À primeira vista, tais conclusões parecem ser apenas de ordem prática, mas elas contêm, no entanto, elementos teóricos preciosos. Encontrar um estímulo, um incentivo para o trabalho – essa é a maior tarefa da classe operária colocada no limiar do comunismo. Ninguém, no entanto, senão a própria classe operária, através das suas organizações de classe, é capaz de resolver este importante problema.

A sua solução, como foi proposto pelos sindicatos da indústria, consiste em dar a mais completa liberdade aos operários para que possam experimentar, adaptar e descobrir novas formas de produção, organizar a formação profissional numa base de classe, exprimir e desenvolver as suas capacidades criadoras. É assim que a Oposição Operária

encara a solução deste difícil problema, e daí o ponto essencial das suas teses: “A organização do controle da economia social é uma prerrogativa do Congresso Pan-Russo dos Produtores – formado pelos sindicatos do comércio e da indústria – os quais elegem o corpo central dirigente de toda a vida económica da República” (*Teses da Oposição Operária*). Esta proposta assegura a libertação da manifestação das capacidades criadoras da classe, sem que elas sejam restringidas e mutiladas pela máquina burocrática, saturada pelo espírito de rotina do sistema burguês capitalista de produção e controle. A Oposição Operária tem confiança no poder criador da sua própria classe: os operários. Todo o programa assenta nesta premissa.

*

É precisamente aqui que começam as diferenças entre a Oposição Operária e a linha seguida pelos chefes do Partido. A desconfiança perante a classe operária (não na esfera política, mas no domínio das capacidades criadoras na economia) é a essência das teses adoptadas pelos chefes do nosso Partido. Eles não acreditam que as mãos calejadas dos operários, tecnicamente inexperientes, possam criar as bases de novas formas económicas que, no decorrer do tempo, se deverão desenvolver num sistema harmonioso de produção comunista.

Para todos eles – Lenine, Trotsky, Zinoviev e Bukharine – a produção apresenta-se como uma coisa “extremamente delicada”, impossível de pôr em marcha sem a assistência de “directores”. Primeiro que tudo, dever-se-á educar os operários, “ensiná-los”, e só quando eles tiverem crescido se lhes poderá retirar todos os professores do Conselho Superior da Economia Nacional e permitir que os sindicatos tomem o controlo da produção. É significativo que todas as teses redigidas pelos chefes do Partido coincidam num ponto essencial: presentemente, não se deve dar o controlo da produção aos sindicatos; “é preciso esperar”. É indubitavelmente certo que Trotsky, Lenine, Zinoviev e Bukharine diferem entre si nas razões que apresentam para justificar que os operários não devam participar na direcção da indústria, como acontecera até aqui. Mas estão todos de acordo em que, neste momento, a direcção da produção deve fazer-se por cima das cabeças dos operários, através de um sistema burocrático herdado do passado.

Neste ponto, todos os chefes do nosso Partido se encontram em completo acordo. “O centro de gravidade do trabalho dos sindicatos no momento presente – declaram os “Dez” nas suas Teses – deve ser deslocado para o domínio económico industrial. Os sindicatos, como organizações de classe dos operários constituídos em conformidade com as suas funções industriais, devem encarregar-se do *trabalho principal* de organização da produção”. “Trabalho principal” é uma expressão demasiado vaga. Permite várias interpretações. E, apesar de tudo, parecia que a plataforma dos “Dez” deixaria maior liberdade aos sindicatos na gestão industrial do que o centralismo de Trotsky. Mas, mais adiante, as teses dos “Dez” explicam o que eles entendem por “trabalho principal” dos sindicatos: “A mais enérgica participação nos centros que regulam a produção e o controle, registo e distribuição da força de trabalho, a organização das trocas entre as cidades e as aldeias, a luta contra a sabotagem e a aplicação dos diferentes decretos sobre o trabalho obrigatório, etc.”. É tudo. Nada de novo. E nada mais do que aquilo que os sindicatos sempre têm feito. Não é isto que poderá salvar a nossa produção nem ajudar a resolver a questão essencial – aumentar

e desenvolver as forças produtivas do nosso país.

Para tornar mais claro o facto de que o programa dos “Dez” não dá aos sindicatos função alguma de direcção, atribuindo-lhes apenas um papel auxiliar na gestão da produção, os autores dizem: “Num estádio desenvolvido (não actualmente, mas num ‘estádio desenvolvido’) os sindicatos, no seu processo de transformação social, devem tornar-se órgãos da autoridade social. Devem funcionar, como tal, subordinados às outras organizações, e fazer aplicar os novos princípios de organização da vida económica”. Com isto, querem eles dizer que os sindicatos devem trabalhar subordinados ao Conselho Superior da Economia Nacional e aos seus departamentos.

*

Qual é então a diferença entre o que atrás se disse e a “unificação pelo desenvolvimento”, proposta por Trotsky? A diferença está apenas no método. As teses dos “Dez” dão uma ênfase especial à função educadora dos sindicatos. Na sua formulação da problemática sindical (sobretudo no domínio da organização, indústria e educação), os chefes do nosso Partido, como políticos inteligentes que são, convertem-se repentinamente em “professores”!

Esta característica controversa não gira em torno do sistema de gestão na indústria, mas principalmente do sistema de educação das massas. De facto, quem quer que comece a folhear as minutas estenografadas dos discursos dos nossos dirigentes mais destacados, não deixará de ficar atónito com a inesperada manifestação das suas tendências pedagógicas. Todos os autores das teses propõem os mais perfeitos processos de educação das massas. Mas todos esses sistemas de “educação” recusam, àqueles que se pretende ensinar, a liberdade de experimentação, de treino e de expressão das suas capacidades criadoras. Também a este respeito os nossos pedagogos se encontram atrasados.

O problema é que Lenine, Trotsky, Bukharine e outros encaram as funções dos sindicatos não do ponto de vista do controle da produção ou da gestão das indústrias, mas simplesmente como escola de educação das massas. Durante a discussão, pareceu a alguns camaradas que Trotsky era por uma gradual “absorção dos sindicatos pelo Estado” – não repentinamente, mas de uma forma gradual – e que lhes queria reservar o direito de um controle final sobre a produção, como está expresso no nosso programa. Este ponto parecia colocar inicialmente Trotsky no mesmo terreno que a Oposição, numa altura em que o grupo representado por Lenine e Zinoviev, opondo-se à “absorção pelo Estado”, via o objecto da actividade sindical e os seus problemas como uma “preparação para o comunismo”. “Os sindicatos, segundo Lenine e Zinoviev, são necessários para o trabalho penoso” (p. 22 do relatório de 30 de Dezembro). Quanto a Trotsky, parecia que compreendia as tarefas de maneira algo diferente. Na sua opinião, o trabalho mais importante dos sindicatos consiste na organização da produção. Nisto, tem inteiramente razão e está certo quando diz: “Na medida em que os sindicatos são escolas do comunismo, eles são-no não na difusão da propaganda comum (no que desempenhariam então o papel de ‘clubes’), não na mobilização dos seus membros para o trabalho militar ou recolha do imposto sobre os produtos, mas no fornecer uma educação geral a todos os seus membros, na base da sua participação na produção” (relatório de Trotsky de 30 de Dezembro). Tudo isto é verdade, mas existe uma grave omissão: *os sindicatos não são “apenas escolas para o*

comunismo, mas também os seus criadores.

Trotsky perde de vista a criatividade da classe operária. Substitui-a pela iniciativa dos “verdadeiros organizadores da produção”, os comunistas dentro dos sindicatos (do relatório de Trotsky de 30 de Dezembro). Quais consumistas? Segundo Trotsky, os comunistas nomeados pelo Partido para os postos administrativos de responsabilidade no interior dos sindicatos (por razões que quase nunca têm a ver com os problemas de ordem industrial e económica dos sindicatos). Trotsky é franco. Não acredita que os operários estejam prontos a criar o comunismo e sejam capazes de, através de sacrifícios, sofrimentos e erros, esforçar-se por criar novas formas de produção. Trotsky exprimiu a sua opinião clara e francamente. Tem realizado o seu sistema de “educação das massas pelos clubes”, preparando-as para as funções “dirigentes” no órgão Administrativo Central dos Caminhos de Ferro, adoptando os métodos de educação das massas que eram praticados pelos companheiros das corporações de outrora em relação aos seus aprendizes. É certo que martelando a cabeça de um aprendiz se pode fazer dele um “companheiro”, mas não um “mestre”; e no entanto, enquanto a ameaça do mestre-padrão pende sobre a sua cabeça, o aprendiz trabalha e produz.

É esta, na opinião de Trotsky, a maneira de deslocar o centro de gravidade “dos problemas políticos para os industriais”. Aumentar, ainda que temporariamente, a produtividade por todos os meios possíveis é o fulcro dessa tarefa. A verdadeira educação nos sindicatos, segundo Trotsky, deve ser orientada para este fim.

*

Os camaradas Lenine e Zinoviev não estão, no entanto, de acordo com Trotsky. São os educadores de “uma forma moderna de pensar”. Foi já dito mais de uma vez que os sindicatos são as escolas do comunismo. O que quer isto dizer?

Se tomarmos a sério esta definição, isso significará que nas “escolas do comunismo” é necessário em primeiro lugar ensinar a educar, não a comandar. Mais adiante, Zinoviev acrescenta: os sindicatos desempenham uma grande tarefa tanto para o proletariado como para a causa comunista. É esse o papel fundamental que os sindicatos desempenham. Neste momento, porém, parecemos esquecer isso e pensamos poder tratar o problema dos sindicatos de forma demasiado imprudente, brutal e severa.

É necessário lembrar que estas organizações têm as suas tarefas particulares – não tarefas de comando, supervisão ou direcção, mas tarefas várias que se podem resumir numa: atrair as massas operárias para o movimento do proletariado organizado.

Assim, professor Trotsky foi longe demais no seu sistema de educação das massas.

Mas o que propõe o camarada Zinoviev? Dar, no interior dos sindicatos, as primeiras lições de comunismo: “ensinar-lhes (às massas) os elementos básicos do movimento proletário”. Como? Através da experiência e da criação de novas práticas e formas de produção, como a Oposição Operária reclama? Nada disso. O grupo Lenine-Zinoviev propõe um sistema de educação feito de leituras, lições de moral e de bons exemplos, cuidadosamente escolhidos. Nós temos 500 mil comunistas (entre os quais, lastimamos dizê-lo, não poucos “estrangeiros” – restos de outro mundo) face a 7 milhões de operários.

Segundo o camarada Lenine, o Partido tem chamado a si a “vanguarda do proletariado”. Os melhores comunistas, em cooperação com os especialistas das

instituições económicas soviéticas, estão investigando arduamente nos seus laboratórios com vista às novas formas de produção comunista. Estes comunistas são agora preparados por “bons professores” no Conselho Superior da Economia Nacional ou noutros centros. Eles são os melhores alunos, é verdade, mas as massas operárias, nos sindicatos, devem olhar para esses exemplares “homens comuns” e aprender alguma coisa com eles sem tocar com as suas próprias mãos as rédeas do controlo; para isso é ainda demasiado cedo, ainda não aprenderam o suficiente.

Na opinião de Lenine, os sindicatos, isto é, as organizações da classe operária, não são os criadores das formas comunistas da economia do povo. Servem apenas como elemento de ligação entre a vanguarda e as massas: “os sindicatos, no seu trabalho diário, persuadem as massas dessa classe que... etc.”

Não é o sistema de Trotsky, equiparável a um sistema medieval de educação. É o sistema alemão de Froebel-Peslallozzi, fundado no estudo de exemplos. Os sindicatos não devem fazer nada de importante na indústria. Devem sim persuadir as massas. Devem levar as massas ao contacto com as vanguardas, com o Partido, que (lembremo-nos!) não deve organizar a produção como uma colectividade, mas apenas criar instituições económicas soviéticas heterogéneas, para as quais nomeará elementos comunistas.

Qual dos sistemas é melhor? É essa a questão. O sistema de Trotsky, qualquer que possa ser a sua posição noutros assuntos, é mais claro e, portanto, mais realista. Lendo livros e estudando os exemplos de bem-intencionados “homens comuns” não se poderá levar muito longe a educação. Deve ter-se isto sempre na memória.

O grupo de Bukharine situa-se a meio termo. Ou antes, tenta conjugar os dois sistemas de educação. Convém notar, no entanto, que tão pouco reconhece o princípio de uma criatividade independente dos sindicatos na indústria. Na opinião do grupo de Bukharine, os sindicatos desempenham um duplo papel (é dito nas suas teses). Por um lado desempenham a função de “escolas do comunismo” e, por outro, as funções de intermediários entre o Partido e as massas (concordando com a opinião do grupo de Lenine). Por outras palavras, o sindicato desempenha o papel de uma máquina, lançando as massas proletárias para a vida activa (notem camaradas: “para a vida activa”, não para a criação de uma nova forma de economia ou para a procura de novas formas de produção). Além disso, os sindicatos devem aceder progressivamente a um estágio de integração simultânea na máquina económica e no poder de Estado. É a isto que Trotsky chama a “absorção progressiva”.

Uma vez mais, a controvérsia não gira em torno do problema dos sindicatos, mas dos métodos de educação das massas por meio dos sindicatos. Trotsky é, ou melhor, era, por um sistema que, como aquele que foi introduzido para os operários dos caminhos-de-ferro, martela na cabeça dos operários organizados a justeza da construção comunista. E que, por meio de nomeações verticais, remodelações e toda a sorte de miraculosas medidas promulgadas em conformidade com o “sistema de choque”, possa remodelar os sindicatos para que estes se integrem nas instituições económicas soviéticas e se tornem instrumentos obedientes da realização de planos preparados pelo Conselho Superior da Economia Nacional.

Zinoviev e Lenine não têm pressa em juntar os sindicatos à máquina económica soviética. Os sindicatos, dizem eles, devem permanecer sindicatos. Quanto à produção, ela será posta em marcha e controlada por homens que *nós* escolheremos. Logo que os sindicatos tenham fabricado obedientes e laboriosos “homens comuns”,

“injectá-los-emos” nas instituições económicas soviéticas. Só então, gradualmente, os sindicatos desaparecerão, dissolver-se-ão.

A criação das novas formas da economia nacional confiam-na eles às instituições burocráticas soviéticas. Aos sindicatos, afectam-lhes o papel de “escolas”. “Educação, educação e mais educação”. Tal é a palavra de ordem de Lenine-Zinoviev. Bukharine, por seu lado, pretende jogar no radicalismo a respeito do sistema de educação e merece por certo os gracejos de Lenine e a alcunha de “Smidikomist” [sindicalista]. Bukharine e o seu grupo, embora acentuando a função educativa que pode ser desempenhada pelos sindicatos na situação política presente, são partidários da mais completa democracia operária no interior dos sindicatos, pela atribuição de amplos poderes efectivos aos sindicatos – não apenas os princípios electivos geralmente aplicados, mas a eleição incondicional dos delegados nomeados pelos sindicatos. Quanta democracia! Isto aconselhar-se-ia à própria Oposição Operária, se não fosse uma diferença: a Oposição Operária vê nos sindicatos os organizadores e os criadores da economia comunista, enquanto Bukharine, como Lenine e Trotsky, lhes atribui apenas o papel de “escolas para o comunismo” e nada mais. Porque haveria Bukharine de se entreter com o princípio electivo que, como toda a gente sabe, não afecta em nada a gestão industrial? Portanto, o controle da indústria continuará, de facto, fora dos sindicatos, para além da sua acção, nas mãos das instituições soviéticas. Bukharine faz-nos lembrar aqueles professores que educam segundo o antigo sistema, por meio de “livros” – “Devem aprender até aí e não mais além” – ao mesmo tempo que encorajam a “actividade autónoma” dos alunos, se se trata de organizar bailes, distrações, etc.

Assim, os dois sistemas podem perfeitamente coexistir e coabitar. Mas saber qual será a saída de tudo isto e que funções serão capazes de desempenhar os alunos destes professores de ecletismos – isso será uma outra questão. Se o camarada Lunatcharsky desaprovasse as “heresias ecléticas” de reuniões pedagógicas como esta, a posição do Commissariado do Povo para a Educação tornar-se-ia, na verdade, bem precária.

*

É preciso, no entanto, não subestimar os métodos educativos dos nossos camaradas dirigentes em relação aos sindicatos. Todos eles, Trotsky inclusive, compreendem que em matéria de educação a “actividade autónoma das massas” não é um factor de somenos importância. Andam assim à procura de um sistema em que os sindicatos, sem perturbar o sistema burocrático existente de gestão da indústria, possam desenvolver a sua iniciativa e as suas capacidades criadoras no domínio da economia. O domínio menos prejudicial em que as massas podem manifestar a sua actividade própria, bem como a sua “participação na vida activa” (segundo Bukharine) é a do melhoramento da sorte dos operários. A Oposição Operária presta uma grande atenção a esta questão e, contudo, sabe que o campo fundamental da criação de classe é o da criação de novas formas económicas industriais, de que o melhoramento das condições de vida dos operários não constitui senão um aspecto.

Na opinião de Trotsky e de Zinoviev, toda a produção deve ser adaptada às instituições soviéticas e os sindicatos devem conformar-se com a função restrita, ainda que útil, de melhoramento das condições de vida dos operários. O camarada Zinoviev, por exemplo, vê na distribuição de vestuário o “papel económico” dos sindicatos, e

explica: “Não existe problema mais importante que o problema da economia; reparar um estabelecimento de banhos em Petrogrado é, neste momento, dez vezes mais importante do que cinco boas conferências”.

O que é que isto quer dizer? Uma ingénua e errada opinião? Ou uma substituição consciente das tarefas criativas da organização na esfera da produção e do desenvolvimento das capacidades criadoras, pelas tarefas restritas da economia caseira, dos problemas domésticos, etc.? Numa linguagem um pouco diferente Trotsky exprime a mesma ideia. Propõe muito generosamente que os sindicatos desenvolvam a maior iniciativa possível no campo da economia. Mas em que campo é que essa iniciativa se deve exprimir? “Substituindo os vidros” da oficina ou “cobrindo um charco de água diante da fábrica” (discurso de Trotsky no Congresso dos Mineiros).

Camarada Trotsky, tenha piedade de nós! Com isto continuamos a não sair da economia caseira. Se quer reduzir a criatividade dos sindicatos a isso, então eles não se transformarão em escolas do comunismo, mas em centros de formação para porteiras. É verdade que o camarada Trotsky procura alargar o campo da “actividade autónoma das massas” deixando-as participar, não numa tarefa autónoma de melhoramento da sorte dos operários no seu próprio trabalho (só a “loucura” da Oposição Operária vai tão longe) mas pela assistência às aulas dadas pelo Conselho Superior da Economia Nacional sobre esse assunto.

Sempre que uma questão respeitante aos operários deva ser decidida, como por exemplo a distribuição de alimentos ou da força de trabalho, é necessário que os sindicatos possam conhecer exactamente – não que participem eles próprios na resolução da questão, mas tão-somente que saibam –, não em linhas gerais como qualquer cidadão, mas em pormenor, todo o trabalho corrente que está a ser feito pelo Conselho Superior da Economia Nacional (discurso de Dezembro de 1920). Os professores deste organismo não só forçam os sindicatos a “aplicar” os seus planos, como também “explicam os seus decretos aos alunos”. Isto é já um passo em frente em comparação com o sistema que funciona presentemente nos caminhos-de-ferro. No entanto, é claro que substituir os vidros, por mais útil que seja, não tem nada a ver com a gestão industrial; as forças produtivas e o seu desenvolvimento não se exprimem através deste trabalho. As questões realmente importantes continuam a ser: como desenvolver as forças produtivas? Como construir uma economia em que a nova vida corresponda à produção, e como eliminar ao máximo o trabalho improdutivo? Um partido pode formar um soldado vermelho, um operário politizado, um quadro capaz de executar os planos já preparados, mas não pode desenvolver um criador da economia comunista, porque só um sindicato oferece possibilidades de desenvolvimento das capacidades criadoras sobre novas bases.

Mais ainda, não é esta a tarefa do Partido. A tarefa deste é criar as condições – isto é, dar a liberdade às massas operárias unidas por objectivos económico-industriais comuns – para que os operários possam tornar-se operários-criadores, encontrar novos incentivos para o trabalho, elaborar um novo sistema de utilização da força de trabalho e descobrir como distribuir a mão-de-obra com vista à reconstrução da sociedade, criando assim uma nova ordem económica, assente sobre bases comunistas. Só os operários podem conceber na sua mente novos métodos de organização do trabalho, bem como de gestão industrial.

*

Trata-se de uma banal verdade marxista e, no entanto, os dirigentes do nosso Partido já não estão de acordo conosco. Porquê? Porque têm mais confiança nos técnicos burocráticos, herdeiros do passado, do que na sã criatividade de classe das massas operárias. Em qualquer outro domínio – educação, desenvolvimento da ciência, organização do exército, saúde pública – é possível hesitar quanto a saber quem deve controlar: a colectividade operária ou os especialistas burocráticos; há um domínio, porém, que é o da economia, no qual a questão de quem deve controlar é simples e clara para qualquer pessoa que não tenha esquecido a história.

É bem sabido, para qualquer marxista, que a reconstrução da indústria e o desenvolvimento das forças criadoras de um país dependem de dois factores: do desenvolvimento da técnica e da organização eficiente do trabalho através do aumento da produtividade e da descoberta de novos incentivos para o trabalho. Isto tem sido verdade para cada período de transformação de um baixo para um alto estágio de desenvolvimento económico, através da história da humanidade.

Numa república operária, o desenvolvimento das forças produtivas através da técnica desempenha um papel secundário em comparação com o segundo factor, o da eficiente organização do trabalho e a criação de um novo sistema de economia.

Mesmo que a Rússia Soviética consiga executar completamente o seu projecto de electrificação geral, sem introduzir nenhuma mudança essencial no sistema de controlo e de organização da economia e da produção, ela não faria mais do que pôr-se a par dos países capitalistas mais avançados em matéria de desenvolvimento.

E, no entanto, para a utilização eficiente da força de trabalho e para a construção de um novo sistema de produção, os trabalhadores russos encontram-se em circunstâncias especialmente favoráveis. Estas permitem-lhes deixar bem longe todos os países capitalistas burgueses em matéria de desenvolvimento das forças produtivas. O desemprego, considerado como estimulante para o trabalho, foi já eliminado. Novas possibilidades se abrem à classe operária liberta do jugo do capital: a possibilidade de exprimir a sua própria palavra criadora através da procura de novos incentivos para o trabalho e da criação de novas formas de produção, qualquer coisa sem precedentes em toda a história da humanidade.

Mas quem é que pode desenvolver a necessária criatividade e invenção nesta matéria? Serão os elementos burocráticos, os cérebros das instituições soviéticas, ou os sindicatos industriais, cujos membros, pela sua experiência de organização dos operários na fábrica, conhecem os métodos criadores práticos, eficientes, que podem ser aplicados no processo de completa reorganização do sistema económico? A Oposição Operária pensa que a administração da economia é uma função dos sindicatos e, ao afirmá-lo, é mais marxista do que os dirigentes, bem formados teoricamente.

A Oposição Operária não é tão ignorante que subestime o grande valor do progresso técnico ou a utilidade dos elementos tecnicamente bem preparados. Ela não pensa, portanto, que depois de ter elegido o seu próprio órgão de controlo da indústria lhe seja possível demitir tranquilamente o Conselho Superior da Economia Nacional, o Comité Central Industrial, os centros económicos, etc. Nada disso. A Oposição Operária pensa que deve assegurar o seu próprio controlo sobre esses centros administrativos, tecnicamente importantes, entregar-lhes tarefas teóricas e utilizar os seus serviços,

como faziam os capitalistas quando contratavam os técnicos para executar os seus próprios projectos. Os especialistas podem fazer um trabalho importante no desenvolvimento da indústria e podem facilitar o trabalho manual; são necessários, indispensáveis, como a ciência é indispensável a qualquer classe ascendente e em desenvolvimento. Mas os especialistas burgueses, ainda que se lhes coloque a etiqueta de comunistas, são fisicamente incapazes e mentalmente fracos para desenvolverem as forças produtivas num estado não capitalista, encontrar novos métodos de organização de trabalho e avançar novos incentivos para a intensificação do trabalho. Nisto, a última palavra pertence à classe operária – aos sindicatos de indústria. Quando, depois de ter transposto os limites da idade medieval e entrando na moderna, a classe burguesa nascente encetou a batalha económica contra a classe decadente dos senhores feudais, ela não possuía qualquer vantagem técnica sobre esta última.

O mercador – o primeiro capitalista – foi obrigado a comprar as mercadorias ao artesão e companheiro que, com as limas manuais, lâminas e fusos primitivos, tanto as produziam para o “mestre” ou senhor feudal, como para os comerciantes exteriores com quem iniciavam uma relação comercial “livre”. A economia feudal, tendo atingido o ponto culminante da sua organização, deixou de conseguir novos lucros e começou a verificar-se um declínio do crescimento das forças produtivas. A humanidade encontrou-se perante a escolha entre o declínio económico ou a descoberta de novos incentivos para o trabalho e, conseqüentemente, a criação de um novo sistema económico que aumentasse a produtividade, alargasse o campo da produção e abrisse novas possibilidades para o desenvolvimento das forças produtivas.

Quem poderá descobrir e desenvolver os novos métodos de reorganização industrial? Ninguém senão os representantes dessa classe que não estava ligada à rotina do passado, que compreendia que o fuso e as tesouras produzem incomparavelmente menos nas mãos do escravo agrilhado do que nas mãos do operário “livremente contratado”, espicaçado pelo estímulo da necessidade económica.

Assim, esta classe nascente, tendo encontrado um estímulo fundamental para o trabalho, constrói sobre ele um sistema complexo, grandioso à sua maneira: o sistema de produção capitalista. Os técnicos só vieram muito mais tarde. A base foi o novo sistema de organização do trabalho e as novas relações estabelecidas entre o capital e o trabalho.

O mesmo se pode dizer para o presente. Nenhum especialista, nenhum técnico imbuído da rotina do sistema capitalista de produção pode introduzir qualquer motivação criadora ou qualquer inovação vitalizadora no campo da organização do trabalho, da criação e do ajustamento da economia comunista. Essa função pertence à classe operária. O grande mérito da Oposição Operária é o de ter posto, aberta e francamente, esta questão de extrema importância.

O camarada Lenine considera que se pode executar um plano económico comunista por meio do Partido. Será assim? Primeiro que tudo, deixem-nos ver como funciona o Partido. Segundo o camarada Lenine, “ele chama a si e vanguarda dos operários”, dispersando-a em seguida pelas várias instituições soviéticas (só uma parte da vanguarda volta para os sindicatos, onde no entanto os membros comunistas se encontram privados de qualquer oportunidade de direcção e de construção da economia). Estes comunistas-economistas, bem preparados, fiéis e talvez talentosos, definham e decompõem-se nas instituições económicas. Numa tal atmosfera, a

influência deles diminui, enfraquece ou perde-se inteiramente.

Que diferença com os sindicatos! Aqui a atmosfera, de classe é mais densa, a composição das forças mais homogênea, as tarefas que se apresentam à colectividade mais próximas das necessidades imediatas do trabalho e da vida dos próprios produtores, dos membros dos comités das fábricas e armazéns, das direcções fabris e dos centros sindicais. A criatividade e a procura de novas formas de produção, de novos incentivos para o trabalho com o fim de aumentar a produtividade, só podem ser conseguidas no seio dessa colectividade natural de classe. Só a vanguarda da classe pode fazer a revolução, mas só a totalidade da classe, através da sua experiência diária e do trabalho prático das suas organizações de base, pode criar.

Quem não acredita no espírito de uma colectividade de classe – e esta colectividade é representada pelos sindicatos melhor do que ninguém – pode traçar um risco sobre a reestruturação comunista da sociedade. Não são Krestinsky ou Preobrajensky, Lenine ou Trotsky que podem trazer infalivelmente para a primeira linha, por meio da máquina do Partido, os operários capazes de descobrir e pôr em execução novas ideias para o novo sistema de produção. Tais operários só podem ser atraídos para a frente pela sua própria experiência da vida, destacando-se das fileiras daqueles que efectivamente produzem e, ao mesmo tempo, organizam a produção. Esta ideia que parece tão simples e clara para qualquer trabalhador, foi perdida de vista pelos dirigentes do nosso Partido. É impossível decretar o comunismo. O comunismo só pode ser construído através de um processo de procura prática, com erros provavelmente, mas a partir das capacidades criadoras da classe operária.

*

O principal ponto da controvérsia entre os dirigentes do Partido e a Oposição Operária é a seguinte: a quem entregará o nosso Partido a construção da economia comunista – ao Conselho Superior da Economia Nacional e aos seus organismos burocráticos, ou aos sindicatos da indústria? O camarada Trotsky pretende “ligar” os sindicatos ao Conselho Superior da Economia Nacional, para que com a ajuda deste último seja possível a absorção dos primeiros. Por outro lado os camaradas Lenine e Zinoviev querem “educar” as massas e levá-las a um nível de compreensão tal do comunismo que possam ser facilmente integradas nas instituições soviéticas. Bukarine e os restantes exprimem essencialmente a mesma opinião. As variantes existentes dizem apenas respeito à maneira de o realizar; a essência é a mesma. Só a Oposição Operária exprime uma teoria inteiramente diferente, defendendo o ponto de vista da classe proletária no processo de criação e realização das suas tarefas.

O órgão de administração económica da República operária durante o actual período deve ser um órgão directamente eleito pelos próprios produtores. Todas as outras instituições soviéticas de administração económica devem funcionar apenas como centros executivos da política económica do órgão económico supremo da República operária. Tudo o resto não passa de escapatórias que revelam a desconfiança nas capacidades criadoras dos operários, desconfiança que não é compatível com ideais apregoados pelo nosso Partido, cuja força reside no espírito de criatividade permanente do proletariado.

Nada haverá de surpreendente se, ao aproximar-se o Congresso do Partido, os promotores das diferentes reformas económicas, com a excepção apenas da Oposição Operária, se ponham de acordo sobre uma base comum graças a compromissos e concessões mútuas, pois não existem divergências essenciais entre eles.

Só a Oposição Operária não pode nem deve entrar em compromissos. Isto não significa, no entanto, que ela provoque “uma cisão”. Nada disso. O seu papel é inteiramente diferente. Mesmo em caso de derrota no Congresso, deve ela permanecer no Partido e defender ponto por ponto a sua opinião, salvar o Partido e clarificar a sua linha de classe.

Em resumo: qual é o programa da Oposição Operária?

1. Construir um órgão dos operários – os próprios produtores – para a administração da economia.
2. Para tanto, isto é, para que os sindicatos se transformem – deixando de ser assistentes passivos dos organismos económicos –, participem activamente e manifestem a sua actividade criadora, a Oposição Operária propõe uma série de medidas preliminares com vista à realização ordenada e gradual daquele objectivo.
3. A transferência de funções administrativas da indústria para as mãos dos sindicatos não deve ter lugar antes do Comité Central Pan-Russo dos sindicatos ter considerado que os sindicatos são capazes e estão suficientemente preparados para assumir essa tarefa.
4. Todas as nomeações para os postos administrativos da economia devem ser feitas com o consentimento dos sindicatos. Todos os candidatos nomeados por estes são irrevogáveis. Todos os responsáveis nomeados pelos sindicatos são responsáveis perante eles e podem ser revogados por eles.
5. Para pôr em execução todas as disposições é necessário reforçar os núcleos de base dos sindicatos e preparar os comités de fábrica e de oficina para gerir a produção.
6. Pela concentração num só órgão de toda a administração da economia pública (suprimindo a actual dualidade entre o Conselho Superior da Economia Nacional e Comité Executivo Pan-Russo dos Sindicatos) deve ser criada uma vontade única que facilitará a execução do plano e fará nascer o sistema comunista de produção.

É isto o sindicalismo? Não será, pelo contrário, aquilo que está inscrito no programa do nosso Partido? E não serão os princípios subscritos pelo resto dos camaradas que se desviam do programa?

SOBRE A BUROCRACIA E A ACTIVIDADE AUTÓNOMA DAS MASSAS

Burocracia ou actividade autónoma das massas? Este é o segundo ponto da controvérsia entre os dirigentes do nosso Partido e a Oposição Operária. A questão da burocracia foi levantada, mas só superficialmente discutida, no 8º Congresso dos Sovietes. Tal como na questão do papel a ser desempenhado pelos sindicatos e os problemas correlativos, também a discussão sobre a burocracia foi orientada de forma errada. A controvérsia sobre este assunto é mais importante do que pode parecer.

O essencial reside no seguinte: na República operária, durante o período de criação das bases económicas para o comunismo, qual é o sistema de administração que assegura maior liberdade às capacidades criadoras da classe? Um sistema burocrático de estado ou um sistema assente numa larga autonomia prática das massas operárias? O problema diz respeito ao sistema de administração e a controvérsia abre-se entre dois princípios diametralmente opostos: burocracia ou actividade autónoma. E contudo há quem tente reduzi-la ao problema único das maneiras de “animar as instituições soviéticas”.

Observamos de novo aqui a mesma substituição dos assuntos discutidos, já verificada nos debates sobre os sindicatos. É necessário declarar definitiva e claramente que meias medidas, alterações nas relações entre organismos centrais e organizações económicas locais, e outras pequenas inovações não essenciais (como a colocação de membros do Partido nas instituições soviéticas, onde estes comunistas estão sujeitos às más influências do sistema burocrático prevalecente e se desintegram entre os elementos da antiga classe burguesa), tudo isto não dará vida ou “democracia” às instituições soviéticas.

A questão não reside porém aí. Na Rússia Soviética qualquer criança sabe que o problema vital é o de preparar as largas massas operárias, camponesas e outras para a reconstrução da economia no estado proletário e o de modificar as condições de vida em conformidade com essa reconstrução. A tarefa é clara: despertar a iniciativa e a actividade autónoma das massas. Mas o que é que se faz para encorajar e desenvolver esta iniciativa? Absolutamente nada. Pelo contrário, em todas as reuniões, incitam-se os operários, homens e mulheres, a “criar uma nova vida, a construir e a ajudar as autoridades soviéticas”. Mas logo que as massas ou grupos de operários isolados tomam este incitamento a sério e tentam aplicá-lo na vida real, surgem certas instituições burocráticas que, sentindo-se ignoradas, se apressam a cortar pela raiz os esforços destes iniciadores demasiado zelosos.

Todos os camaradas podem facilmente recordar as vezes sem conta que os operários se lançaram na organização de refeitórios, creches, transportes de madeira, etc. Sistemáticamente, o interesse vivo e imediato despertado por estas iniciativas morria na rotina do deixa andar, nas intermináveis negociações com múltiplas instituições e discussões que não levavam a parte alguma ou davam lugar a recusas, novas requisições, etc. Em toda a parte onde houve oportunidade de equipar um refeitório, construir um depósito de madeiras ou organizar uma creche, sempre sob a pressão das próprias massas – usando os seus próprios meios – as recusas seguiram-se a recusas por parte das instituições centrais. Explicando sempre que não havia equipamento para o refeitório, que faltavam os cavalos para o transporte da madeira, ou os edifícios adequados para as creches. Quanta desilusão entre os operários e as operárias, quando eles viam e sabiam que se lhes tivessem dado o direito e a possibilidade de agir, teriam podido realizar eles próprios o projecto. Quanto é penoso ver recusados os materiais necessários, quando os próprios operários já os tinham encontrado e fornecido. Se isto é assim, diz o povo, “que os funcionários se ocupem então de nós”. Como resultado, tem-se gerado uma divisão extremamente nociva: *nós*, os que trabalham, e *eles*, os funcionários soviéticos, de que tudo depende. Daqui todos os problemas.

*

Entretanto, que fazem os dirigentes do nosso Partido? Procuram eles encontrar a causa do mal? Admitem eles abertamente que o sistema criado através dos Sovietes paralisa as massas até à esclerose, embora a sua função fosse encorajar a iniciativa das massas? Não, os dirigentes do nosso Partido não fazem nada disto. Pelo contrário. Em vez de encontrarem meios para encorajar a iniciativa das massas, que poderiam integrar-se perfeitamente em instituições soviéticas flexíveis, os chefes do Partido assumem de repente o papel de defensores e cavaleiros da burocracia. Quantos camaradas seguem o exemplo de Trotsky e repetem que “nós sofremos, não por termos adoptado o lado mau da burocracia, mas por não termos ainda aprendido o seu lado bom” (*Para um Plano comum*, Trotsky).

A burocracia é a negação directa da actividade autónoma das massas. Quem aceitar o princípio da participação activa das massas como base do novo sistema da República operária não pode olhar para os lados bons ou maus da burocracia. Só tem que rejeitar aberta e resolutamente este sistema inútil. A burocracia não é um produto da nossa miséria, como pretende o camarada Zinoviev, nem tão pouco o reflexo da “subordinação cega” aos superiores gerado pelo militarismo, como dizem outros. Este fenómeno tem uma causa mais profunda. É um sub-produto da mesma causa que determina a nossa política dúbia em relação aos sindicatos, nomeadamente a influência crescente no seio das instituições soviéticas de elementos hostis não apenas ao comunismo, mas até às aspirações elementares das massas operárias. A burocracia é uma peste que penetra até ao coração do Partido e das instituições soviéticas. O facto não é apenas realçado pela Oposição Operária. É também reconhecido por muitos camaradas que não pertencem a este grupo.

Restrições à iniciativa são impostas não só à actividade das massas sem-partido (o que seria lógico e razoável, numa atmosfera de guerra civil), mas aos próprios membros do Partido. Toda a tentativa independente, todas as ideias novas que passam pela censura dos organismos centrais são tratadas como heresias, como violações da disciplina do Partido, como tentativas de pôr em causa as prerrogativas dos organismos encarregados de tudo “prever” decretar. Se alguma coisa ainda não foi decretada, é preciso esperar que chegue a altura em que eles, com vagar, estatuem. Só então, e dentro de estreitos limites, cada um poderá exprimir a sua “iniciativa”. Que aconteceria se alguns membros do Partido Comunista Russo – por exemplo aqueles que têm paixão por pássaros – decidissem formar uma associação para protecção desses animais? A ideia, em si, parece realizável. Não parece, tampouco, prejudicar qualquer “projecto do Estado”. Mas é somente aparência. Logo surgiriam certas instituições burocráticas reclamando o direito de dirigir esta iniciativa particular. E quereriam imediatamente “incorporar” esta associação no aparelho soviético, matando assim a iniciativa directa. E, em vez desta iniciativa directa, teríamos uma montanha de decretos e regulamentos, sobrecarregando de trabalho centenas de outros funcionários, os correios e os transportes.

O mal da burocracia não reside apenas na papelada, como certos camaradas pretendem fazer-nos acreditar, desviando o fundo da controvérsia para a “animação das instituições soviéticas”. O mal reside em que a solução de todos os problemas não é procurada através da livre troca de opiniões ou da intervenção dos directamente interessados, mas através de decisões formais tomadas pelas instituições centrais. Estas decisões são transmitidas à base, já inteiramente elaboradas por pessoas ou

colectivos extremamente restritos, ficando os interessados quase sempre de fora. *Há sempre uma terceira pessoa que decide o nosso destino: tal é a essência da burocracia.* Face ao sofrimento crescente da classe operária, devido à confusão do presente período transitório, a burocracia encontra-se particularmente fraca e impotente. Só a iniciativa dinâmica dos próprios operários interessados pode operar prodígios de entusiasmo na estimulação das forças produtivas e no melhoramento das condições de trabalho, desde que não sejam restringidos e reprimidos a cada passo pela hierarquização das “autorizações” e dos “decretos”.

Os marxistas, e em particular os bolcheviques, devem a sua força ao facto de nunca terem seguido a política do sucesso imediato do movimento (esta é a linha seguida invariavelmente pelos oportunistas). Os marxistas têm procurado sempre colocar os operários em condições de poderem temperar a sua vontade revolucionária e desenvolver as suas capacidades criadoras. A iniciativa dos operários é-nos indispensável e, no entanto, não lhes damos a possibilidade de a desenvolverem. O medo da crítica e da liberdade de pensamento, misturado com a burocracia, produz quase sempre resultados ridículos.

Não pode haver actividade autónoma sem liberdade de pensamento e de opinião, pois aquela manifesta-se não só na iniciativa, acção e trabalho, mas também no pensamento independente. Nós não damos qualquer liberdade à actividade de classe, temos medo da crítica e deixámos de nos apoiar nas massas: é por isso que temos a burocracia entre nós. Eis a razão por que a Oposição Operária considera a burocracia como o nosso inimigo, a nossa peste e como o maior perigo para a existência do próprio Partido Comunista.

*

Para escorraçar a burocracia que encontrou abrigo nas instituições soviéticas, devemos em primeiro lugar desembaraçarmo-nos dela no interior do próprio Partido. É aí que se trava a luta imediata. Logo que o Partido reconheça a actividade autónoma das massas como base do nosso Estado – não em teoria, mas na prática – as instituições soviéticas tornar-se-ão então, automaticamente, instituições com vida, destinadas a pôr em execução o programa comunista. Deixarão de ser as instituições das papeladas, os laboratórios de decretos nados-mortos, em que tão rapidamente degeneraram. Que devemos então fazer para destruir a burocracia no Partido e substituí-la pela democracia operária? Primeiro que tudo é necessário compreender que os nossos dirigentes estão errados quando dizem: “Neste momento, estamos de acordo em folgar um pouco as rédeas”, dado que não existe perigo imediato na frente militar, mas, pressentindo-se novamente esse perigo, devemos voltar ao “sistema militar” no interior do Partido. Convém lembrar que foi o heroísmo que salvou Petrogrado, que mais de uma vez defendeu Lugansk e outras cidades e regiões inteiras. Foi o Exército Vermelho que organizou sozinho a defesa? Não. Existia também a iniciativa heroica e a actividade autónoma das massas. Qualquer camarada se lembrará que nos momentos de maior perigo o Partido fez sempre apelo a esta actividade autónoma, porque viu nela a boia de salvação. É certo que nos momentos de mais grave perigo, a disciplina do Partido e da classe devem ser mais rigorosas; devem ser maiores os sacrifícios voluntários, o cumprimento estrito dos deveres, etc. Mas entre estas manifestações de espírito de classe e a “subordinação cega” recentemente devolvida pelo Partido, vai

uma grande diferença. Em nome da regeneração do Partido e da eliminação da burocracia nas instituições soviéticas, a Oposição Operária e um grupo de responsáveis operários de Moscovo pedem a realização completa de todos os princípios democráticos, não só no actual período de trégua mas também nos momentos de tensão interna e externa. Esta é a condição primeira e básica para a regeneração do Partido, para o regresso aos princípios do seu programa, de que, na prática, se tem afastado cada vez mais sob a pressão de elementos que lhe são estranhos.

A segunda condição, na qual a Oposição Operária insiste energicamente, é a expulsão do Partido de todos os elementos não proletários. Quanto mais a autoridade soviética se fortalece, tanto maior é o número de elementos da classe média e, às vezes, mesmo indivíduos abertamente hostis que ingressam no Partido. A eliminação destes elementos deve ser escrupulosa e total. E aqueles que se encarregarem disso deverão ter presente que os elementos mais revolucionários, de origem não proletária, se juntaram ao Partido durante o primeiro período da Revolução de Outubro. O Partido deve voltar a ser um partido operário. Só então terá força suficiente para repelir todas as influências que agora se fazem sentir sobre ele por parte dos elementos da pequena burguesia, dos camponeses, ou desses fiéis servidores do capital – os especialistas. A Oposição Operária propõe o registo de todos os membros não operários que aderiram ao Partido desde 1919 e propõe também que lhes seja dado o direito de apelo, num prazo de três meses, contra as decisões tomadas, de modo a que possam voltar ao Partido.

Simultaneamente, é necessário estabelecer um “estatuto de trabalhador” para todos os elementos não operários que tentarão voltar ao Partido, estipulando-se que para aderir ao Partido é necessário ter-se trabalhado durante um certo tempo num trabalho manual, nas condições usuais.

O terceiro passo decisivo no sentido da democratização do Partido é a eliminação de todos os elementos não operários dos postos administrativos; ou seja, os comités centrais provinciais e locais do Partido devem ter uma composição tal que os operários estreitamente ligados às massas trabalhadoras tenham a maioria absoluta. De acordo com este ponto, a Oposição Operária reclama que os órgãos do Partido, do Comité Central Executivo até aos comités provinciais, deixem de ser instituições com um trabalho quotidiano de rotina para se tornarem instituições que controlem a política soviética.

Notamos que a crise do Partido é produto directo da oposição que se estabelece entre três correntes, correspondentes às três diferentes camadas sociais: a classe operária, o campesinato e a classe média, e os elementos da antiga burguesia (especialistas, técnicos e homens de negócios).

As questões com importância nacional forçam as instituições soviéticas locais e centrais, e até mesmo o Conselho dos Comissários do Povo e o Comité Executivo Central Pan-Russo, a ouvir e a conformar-se com as três diferentes tendências correspondentes aos grupos que formam a população russa; daí resulta uma política de classe baralhada e a perda da estabilidade necessária. Os interesses do Estado começam a pesar mais do que o interesse dos trabalhadores.

Para que o Comité Central e os demais comités do Partido não abandonem uma linha de classe firme e chamem à ordem as instituições soviéticas sempre que uma questão decisiva para a política soviética apareça (como por exemplo, a questão dos

sindicatos), é necessário dissociar o poder dos funcionários que têm simultaneamente postos de responsabilidade no Partido e também nas instituições soviéticas. Devemos lembrar-nos que a Rússia Soviética ainda não é socialmente homogénea. Pelo contrário, é um conglomerado social heterogéneo e, por consequência, a autoridade estatal vê-se obrigada a conciliar todos os interesses, por vezes hostis, escolhendo uma linha intermédia.

Para que o Comité Central do Partido se transforme no centro supremo da nossa política de classe, de controlo da política concreta dos soviets e a personificação espiritual do nosso programa fundamental, é necessário que, sobretudo no Comité Central, se reduza ao máximo a ocupação simultânea de vários postos por pessoas que, continuando no Comité Central, ocupam também lugares de responsabilidade nas instituições soviéticas. Com este fim, a Oposição Operária propõe a formação de centros do Partido que sirvam realmente como órgãos de controlo ideológico das instituições soviéticas e orientem as suas acções segundo uma linha de classe clara. Além disso, para aumentar a actividade do Partido é necessário aplicar por toda a parte a seguinte medida: pelo menos um terço dos elementos efectivos do Partido, pertencendo aos centros dirigentes, deve ser proibido de actuar simultaneamente como membro do Partido e como funcionário soviético.

*

A quarta reivindicação da Oposição Operária é a seguinte: o Partido deve voltar de novo ao princípio da elegibilidade dos responsáveis.

As nomeações, que recentemente começaram a tornar-se regra, só podem ser toleradas a título excepcional. A nomeação de responsáveis constitui uma das características da burocracia; no entanto, actualmente, tal prática é geral, legal, quotidiana e reconhecida. O processo de nomeação cria uma atmosfera doentia no Partido e destrói a relação de igualdade entre os seus membros, pela recompensa dos amigos e o castigo dos inimigos, assim como por outras práticas não menos prejudiciais na vida do Partido e dos Sovietes. O princípio da nomeação diminui o sentido do dever e responsabilidade diante das massas. Os que são nomeados não são responsáveis diante das massas, o que agrava a divisão entre dirigentes e militantes de base.

Na realidade, qualquer pessoa nomeada está acima de qualquer controle, porque os dirigentes não podem controlar em pormenor a sua actividade e as massas não lhe podem agir contas, nem a podem substituir. Regra geral, qualquer responsável nomeado envolve-se de uma atmosfera de oficialidade, servidão e subordinação cega que infecta todos os subordinados e descredita o Partido. A prática das nomeações opõe-se totalmente ao princípio do trabalho colectivo; alimenta a irresponsabilidade. É preciso portanto acabar com as nomeações feitas pelos dirigentes e voltar ao princípio da elegibilidade a todos os níveis do Partido. Só as conferências e os Congressos devem eleger candidatos a administrativos com responsabilidades.

Por fim, para eliminar a burocracia e sanear o Partido é preciso voltar ao tempo em que todas as questões importantes, dizendo respeito à actividade do Partido e à política soviética, eram submetidas aos militantes de base e só mais tarde supervisionadas pelos dirigentes. Era o que se passava quando o Partido trabalhava na clandestinidade e ainda na altura da assinatura do tratado de Brest-Litovsk.

Actualmente, as coisas passam-se de outro modo. Apesar das promessas feitas na Conferência Pan-Russa do Partido, em Setembro, e amplamente apregoadas, uma questão importante como a das concessões foi decidida sem consultar as massas. E foi unicamente graças à controvérsia levantada nos Centros do Partido, que a questão dos sindicatos se tornou debate aberto.

Larga circulação de informação, liberdade de opinião e de discussão, direito de crítica no interior do Partido e entre os membros dos sindicatos, tais são os passos que podem acabar com o sistema burocrático. Liberdade de crítica, direito das diferentes fracções exprimirem livremente o seu ponto de vista nas reuniões do Partido, liberdade de discussão – todas estas reivindicações já não são exclusivo da Oposição Operária. Sob a pressão crescente das massas, toda uma série de medidas reclamadas pelos militantes de base, muito antes do Congresso de Setembro, é agora reconhecida e promulgada oficialmente. Ao ler as propostas do Comité de Moscovo quanto à estrutura do Partido, ficamos orgulhosos com a nossa influência sobre os centros do Partido.

Sem a Oposição Operária, o Comité de Moscovo nunca teria “virado à esquerda”. É no entanto necessário não exagerar este “esquerdismo”; trata-se unicamente de uma declaração de princípios com vista ao Congresso. Como já aconteceu muitas vezes com as decisões dos nossos dirigentes durante estes últimos anos, pode acontecer que estas declarações radicais sejam esquecidas. Porque, em geral, os centros do Partido aceitam tais propostas quando a pressão das massas é forte; mas logo que tudo volta à normalidade, as decisões são esquecidas.

Não foi o que aconteceu com a decisão do 8º Congresso de expulsar do Partido todos os elementos que aderiram por motivos egoístas e de passar pelo crivo os elementos não operários antes de os admitir? Que destino teve a decisão tomada pela Conferência do Partido, em 1920, de substituir a prática das nomeações pela das recomendações? A desigualdade existe ainda no Partido, apesar das múltiplas resoluções sobre este assunto. No que toca à perseguição de que são vítimas os camaradas que ousam opor-se aos decretos adoptados “no topo”, tudo continua na mesma. Se as decisões não são aplicadas, então é necessário eliminar a causa da sua não aplicação, ou seja, expulsar do partido os que têm medo da difusão da informação, da responsabilidade absoluta perante a base e da liberdade de crítica. Os membros não operários do Partido e os que entre os operários caíram sob a sua influência têm medo de tudo isto. Não basta depurar o Partido registando todos os membros não proletários, aumentando o controlo no momento da admissão, etc., é preciso simplificar a admissão dos operários, dando-lhes a oportunidade de aderirem, e criar uma atmosfera mais amigável no Partido, de modo a que os operários se sintam em sua casa, que não continuem a olhar para os funcionários responsáveis do Partido como para superiores, mas os considerem, sim, como camaradas mais experimentados, prontos a partilhar o seu saber, a sua experiência, a sua habilidade, como alguém que encara seriamente as necessidades e os interesses dos operários. Quantos camaradas, sobretudo jovens operários, se afastam do Partido simplesmente porque nos mostramos impacientes com eles, superiores e severos, em vez de os ensinarmos, de os educarmos no espírito do Comunismo?

Além do espírito burocrático, uma atmosfera pomposa pesa sobre o nosso Partido. Se ainda existe camaradagem no Partido, ela só existe na base.

O Congresso do Partido deve admitir esta realidade desagradável e reflectir sobre a

seguinte questão: por que é que a Oposição Operária insiste em introduzir igualdade, eliminar todos os privilégios no interior do Partido, colocar os funcionários administrativos sob a estrita responsabilidade das massas que os elegeram?

*

Na luta para estabelecer a democracia no Partido e eliminar toda e qualquer burocracia, a Oposição Operária avança três princípios fundamentais:

- a) Retorno ao princípio de eleição a todos os níveis e eliminação da burocracia, tornando todos os funcionários responsáveis perante as massas;
- b) Larga difusão de informação no Partido, tanto a relativas às questões gerais como de indivíduos; uma maior atenção à voz dos militantes de base (larga discussão de todas as questões pela base e conclusão pelos dirigentes; admissão de qualquer membro às reuniões dos centrais do partido, salvo quando os problemas discutidos exigirem segredo; estabelecimento da liberdade de opinião e de expressão (não só pelo direito de criticar livremente durante as discussões, mas também pela possibilidade de utilizar os fundos do Partido para publicar a literatura das diferentes fracções do Partido);
- c) Fazer do Partido um partido mais operário; limitar o número dos que ocupam lugares de responsabilidade simultaneamente no Partido e nas instituições soviéticas.

Esta última exigência é particularmente importante; com efeito, o nosso Partido não só deve construir o comunismo como também educar e preparar as massas para um longo período de combate contra o capitalismo mundial, que pode revestir formas novas e inesperadas. Seria pueril acreditar que, depois de vencer a invasão dos guardas brancos e do imperialismo em todas as frentes militares, estamos agora ao abrigo de um novo ataque do imperialismo mundial; este tenta apoderar-se da Rússia soviética por meios subtis; tenta penetrar na nossa existência e utilizar a República Soviética para os seus próprios fins. Eis o grande perigo contra o qual devemos estar em guarda, o grande problema que o Partido enfrenta: como fazer frente a este inimigo bem preparado, como reunir forças proletárias em torno dos problemas de classe (os outros grupos da população girarão sempre em volta do capitalismo). Preparar-se para esta nova página da nossa história revolucionária, eis o dever dos nossos dirigentes.

Só será possível encontrar a solução correcta para estes problemas quando conseguirmos restabelecer, de cima a baixo, a coesão do partido; não só com as instituições soviéticas mas também com os sindicatos. No caso destes, o preenchimento de postos no Partido e nos sindicatos pelos mesmos indivíduos, não somente não constitui um desvio de uma clara linha de classe, como imuniza o Partido contra a influência do mundo capitalista no período que começa a gora, influência que se exerce por meio de contratos e acordos comerciais. Tornar o Comité Central num Comité Central operário, um Comité em que os representantes das camadas inferiores, ligados às massas, não sejam “gerais em parada” ou convidados a um “copo de água”. Que estejam em contacto estreito com largas massas, os sem-partido dos sindicatos, conservando assim a possibilidade de formular palavras de ordem da

época, de exprimir as necessidades e as aspirações dos operários, e de dirigir a política do Partido segundo uma linha de classe.

São estas as propostas da Oposição Operária. É essa a sua tarefa histórica. E ainda que os dirigentes do nosso Partido pretendam ridicularizar-nos, a Oposição Operária é hoje a única força vital que o Partido é obrigado a ter em conta, e à qual deverá prestar atenção.

Resta a pergunta: será a Oposição necessária? Será de aplaudir a sua formação, do ponto de vista da libertação mundial do jugo do capital? Ou será apenas um movimento indesejável, nocivo à energia combativa do Partido, servindo para desorganizar as suas fileiras?

Qualquer camarada sem preconceitos contra a Oposição e que queira abordar a questão com um espírito aberto e analisá-la sem se preocupar com o que lhe dizem as autoridades oficiais, verá a partir desta exposição que a Oposição é útil e necessária. É necessária, em primeiro lugar, porque despertou o pensamento adormecido do Partido. Durante estes anos de revolução estivemos tão preocupados com as tarefas imediatas que deixámos de julgar as nossas acções do ponto de vista dos princípios e da teoria. Esquecemo-nos de que o proletariado pode cometer erros graves e cair nos pântanos do oportunismo, não só no período de combate para a conquista do poder, mas também na fase de ditadura. Tais erros são possíveis sobretudo quando, por todos os lados, somos rodeados pela tempestade imperialista e quando a República Soviética é obrigada a agir num “meio” capitalista. Em tais momentos os nossos dirigentes não podem ser unicamente políticos sábios – “homens de Estado” – devem também dirigir o Partido e toda a classe operária a partir de uma linha baseada na unificação e criatividade da classe, e prepará-los para um combate longo contra as novas formas sob as quais as influências burguesas de capitalismo mundial tendem a invadir a República Soviética. “Estejamos prontos, sejamos claros, não nos afastando de uma linha de classe”: tal deve ser a palavra de ordem do nosso Partido, agora mais que nunca.

A Oposição Operária pôs todas estas questões na ordem do dia, incumbindo-se assim de uma tarefa histórica. O pensamento começa de novo a mexer-se; os membros do Partido começam a analisar o que foi feito. E onde há crítica e análise, onde o pensamento se move e trabalha, há vida, progresso e caminho para o futuro. Nada é mais terrível e nocivo do que o pensamento esclerosado e rotineiro. Instalámo-nos na rotina; podíamos até nem nos termos apercebido disso, irmo-nos afastando da linha de classe que leva ao comunismo, se a Oposição Operária não interviesse no momento em que os nossos inimigos mais esperavam vencer. Agora é impossível. O Congresso, e portanto também o Partido, terão de ter em conta o ponto de vista expresso pela Oposição Operária e, sob a sua influência e pressão, chegar a um acordo ou fazer concessões essenciais.

A segunda tarefa preenchida pela Oposição Operária foi a de ter posto a questão de quem ficará encarregado afinal de criar as novas formas de economia. Serão os técnicos, os homens de negócios, ligados psicologicamente ao passado, e os funcionários soviéticos, com alguns comunistas dispersos entre eles, ou a colectividade operária representada pelos sindicatos?

A Oposição Operária não faz mais do que repetir o que Marx e Engels escreveram no Manifesto Comunista: “A criação do comunismo será obra das próprias massas

operárias. A criação do comunismo não pertence senão aos operários”.

Por último, a Oposição Operária levantou-se contra a burocracia e ousou dizer que a burocracia é um freio à actividade autónoma e à criatividade da classe operária, que paralisa o pensamento, impede a iniciativa e a experimentação de novos métodos de produção – impede, numa palavra, o desenvolvimento de novas formas de produção e de vida.

Em vez de um sistema burocrático, propõe um sistema de actividade autónoma das massas. A este respeito, os dirigentes do Partido estão fazendo concessões, “reconhecendo” que estes desvios são nocivos ao comunismo e aos interesses da classe operária (rejeição do centralismo). O 10º Congresso, pensamos, fará uma nova série de concessões à Oposição Operária. Assim, se bem que a Oposição Operária só tenha aparecido como simples grupo no seio do Partido há alguns meses apenas, já executou a sua missão e obrigou a direcção do Partido a ouvir a opinião dos operários. Agora, qualquer que seja a cólera contra a Oposição Operária, ela tem o futuro histórico do seu lado.

Justamente porque acreditamos nas forças vitais do nosso Partido, sabemos que, depois de algumas hesitações, resistências e manobras políticas, o nosso Partido seguirá de novo pela estrada que as forças elementares do proletariado organizado abrirem. Não haverá cisão. Se alguns grupos deixam o Partido, tal não acontecerá com aqueles que formam a Oposição Operária. Só partirão os que quiserem erigir como princípio os desvios temporários do programa comunista que a guerra civil impôs ao Partido, e os considerem como a essência da nossa linha política.

Toda a camada do Partido que está habituada á exprimir o ponto de vista de classe do proletariado crescente, absorverá tudo o que a Oposição Operária disse de justo, prático e são. Sossegado e com esperança, o operário da base não dirá em vão: “Ilyitch (Lenine) reflectirá, ouvir-nos-á e decidirá orientar o Partido na linha da Oposição. De novo, Ilyitch estará connosco”.

Quanto mais cedo os dirigentes do Partido tomarem em consideração o trabalho da Oposição e seguirem o caminho traçado pelos militantes de base, mais depressa atravessaremos a crise do Partido num momento tão difícil, e mais cedo caminharemos para o tempo em que a humanidade, tendo-se libertado das leis económicas objectivas, servindo-se dos tesouros do saber da colectividade operária, começará a criar conscientemente a história-humana da época comunista.